



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS VI- CAETITÉ
COLEGIADO DE LETRAS VERNÁCULAS

ELIANE TEODORO DE SOUZA

**ATRAVESSAMENTOS DISCURSIVOS ENTRE AS MANIFESTAÇÕES
LITERÁRIAS E MUDIÁTICAS – O CASO *ONCE UPON A TIME***

CAETITÉ
2015

ELIANE TEODORO DE SOUZA

**ATRAVESSAMENTOS DISCURSIVOS ENTRE AS MANIFESTAÇÕES
LITERÁRIAS E MUDIÁTICAS – O CASO *ONCE UPON A TIME***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCH, *Campus VI*, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Vernáculas, com habilitação em Língua Portuguesa e Respektivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Ribeiro de Oliveira.

CAETITÉ
2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELIANE TEODORO DA SILVA

ATRAVESSAMENTOS DISCURSIVOS ENTRE AS MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS E MUDIÁTICAS – O CASO *ONCE UPON A TIME*

Aprovada em _____ de dezembro, de 2015, pela banca constituída pelos membros:

Orientador: Profa. Dra. Mirian Ribeiro de Oliveira – (UNEB – CAMPUS VI)

Conceito: _____
Rubrica _____

Examinador: Profa. Esp. Lucélia Alves Magalhães – (UNEB – CAMPUS VI)

Conceito: _____
Rubrica _____

Examinador: Profa. Ma. Zélia Malheiro Marques – (UNEB – CAMPUS VI)

Conceito: _____
Rubrica _____

Dedico esta monografia, em primeiro lugar, a Deus, que tem sido meu guia e o socorro presente nas horas de angústia. À minha família, pelo apoio incondicional e pela compreensão diante de minha ausência, durante meus estudos. De maneira especial, aos meus pais, que são a fortaleza de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pai de bondade, que me concedeu o dom da vida e guiou meus passos me sustentando e estendendo a sua mão quando eu pensei que não havia mais forças para prosseguir. A Ti, Pai, toda honra e toda a glória, sempre!

Aos meus pais, Leobino e Zulmerinda, que sempre estiveram presentes e me apoiaram desde os meus primeiros passos até a minha formação acadêmica e que me motivaram a seguir em frente em busca da concretização dos meus sonhos. Agradeço, também, pela compreensão quando, às vezes, tive que me ausentar dos momentos familiares. A vocês, serei eternamente grata.

À minha irmã, Eliete, que teve o cuidado de assumir as tarefas domiciliares em meu lugar enquanto eu me dedicava à escrita deste trabalho monográfico e que esteve sempre ao meu lado, incentivando-me e tentando, de alguma forma, ajudar-me. Assim como os meus demais irmãos, Eliene, Jair e José, aos meus sobrinhos que torceram e apostaram em minha vitória, agradeço-lhes pelo companheirismo e apoio.

Às minhas colegas de curso pela parceria, companheirismo, amizade e incentivo. Em especial, Alane, Ana Cláudia, Drielly, Edvânia, Gilsene e Janeide, por seguirem comigo até o IX semestre e compartilharem as lutas e vitórias. Vocês foram peças importantes para a minha formação. Muito obrigada!

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Mirian Oliveira, pelos ensinamentos, paciência, confiança e orientação.

Aos demais professores da UNEB que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação e para o desenvolvimento do meu trabalho. Em especial, a professora Patrícia Pina, que teve participação significativa na minha pesquisa.

À UNEB, pela oportunidade da realização do meu sonho. Ao Programa de Iniciação Científica, que foi por onde tudo começou.

À minha querida prima Euvânia, pela partilha das angústias e conquistas e por me apoiar e incentivar a seguir sempre de cabeça erguida.

Aos meus primos e amigos que me incentivaram a lutar pelos meus objetivos e torceram para que eu os alcançasse.

Aos professores da minha formação Básica e Média. Vocês foram a base para a realização do sonho de hoje.

A todos vocês, meu MUITO OBRIGADA!

Tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo o discurso são percebidos vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala.

Bakhtin

RESUMO

Esta pesquisa parte do pressuposto de que a mídia, através de pistas deixadas pelo campo literário, cria o seu discurso e estabelece estratégias para veicular dizeres que são de seu próprio interesse, causando efeitos de sentido numa tentativa de levar aos sujeitos leitores novos modelos e novos comportamentos que sejam vigentes na sociedade atual. Para tal, teve como objeto de estudo os contos “Branca de Neve”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela e a Fera”, “João e Maria” e o seriado norte-americano “*Once Upon a Time*”, o qual faz uma releitura desses e de outros contos numa versão adulta, visando ao confronto interdiscursivo entre os contos e o seriado. Partiu-se de tais contos por notar neles maiores traços de atravessamentos discursivos, bem como, por perceber nos discursos que há atravessamentos, intencionalidades em formação de identidades dos leitores/expectadores. De tais contos e seriado serão recortados fragmentos discursivos, buscando entender como se processa o atravessamento discursivo de um campo de saber para outro, neste caso, da literatura para a mídia. Desta forma, esta pesquisa surge diante de algumas inquietações no que diz respeito ao apagamento do discurso literário ao ser adaptado e modificado pelo discurso midiático. Este último visa impor valores que correspondem ao seu próprio interesse nos leitores expectadores. Teve como conceitos basilares o interdiscurso na AD, fundamentado especialmente por Pêcheux (1997, 2006 e 2009) e Orlandi (2010); literatura infanto-juvenil, com base em Zilberman (1999), Lajolo (1999) e Coelho (2010); cultura da mídia, estabelecendo um diálogo com Kellner (2001); e as construções identitárias dos sujeitos, de acordo com as teorias de Baumam (2005), Stuart Hall (2006) e Silva (2009); além de alguns estudos a respeito dos contos de fadas.

Palavras-chave: Discurso. Mídia. Contos de Fada. Once Upon a Time.

ABSTRACT

This research assumes that the media, through clues left by the literary field, creates his speech and establishes strategies to serve sayings that are of their own interest, causing effects of meaning in an attempt to bring the subject readers new models and new behaviors that are prevailing in today's society. To do this, we had as study object the tales "Snow White", "Little Red Riding Hood," "Beauty and the Beast," "Hansel and Gretel" and the American television series "Once Upon a Time", which is a reinterpretation of these and other tales in an adult version, aimed at interdiscursive confrontation between the stories the objects. We start from such tales for them to note major features of discursive crossings as well, by notice in the speeches that there are crossings, intentions in forming identities of readers / viewers. Such tales and series will be cut discursive fragments, trying to understand how it handles the discursive crossing a field of knowledge to another, in this case, from literature to the media. Thus, this research arises on some concerns with regard to deletion of literary discourse to be adapted and modified by media discourse. The latter seeks to impose values that correspond to their own interest in viewers readers. We had such basic concepts interspeech in AD, based especially Pêcheux (1997, 2006 and 2009), Orlandi (2010); Juvenile infant literature, based on Zilberman (1999), Lajolo (1999) and rabbit (2010); media culture, establishing a dialogue with Kellner (2001); and identity constructions of the subjects, according to the theories of Baumam (2005), Stuart Hall (2006) and Silva (2009); plus a few studies about the fairy tales.

Keywords: Discourse. Media. Fairy tales. Once Upon a Time.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PRINCÍPIOS SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO	14
2. O DISCURSO PECHEUXTIANO	19
2.1 Atravessamentos discursivos: o Interdiscurso.....	23
3. AS ESPECIFICIDADES DO DISCURSO LITERÁRIO E MIDIÁTICO	31
3.1 O Discurso Literário	32
3.2 O Discurso Midiático.....	39
3.3 Estratégias discursivas e os efeitos de sentido.....	50
4. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MIDIÁTICA	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou compreender o atravessamento discursivo entre as manifestações midiáticas e literárias, especificamente, o atravessamento do discurso de um campo de saber para outro, procurando entender como o discurso estabelece estratégias para causar diferentes efeitos de sentido nos sujeitos leitores.

O discurso midiático é visto como um meio que busca entreter seu público expectador, tentando inculcar-lhes valores que constituem o padrão social muitas vezes já apontado por outros meios de comunicação, mas que são ressaltados pela mídia no intuito de construir identidades. Por notar o discurso midiático sob esta ótica, nasceu esta pesquisa, que procurou analisar quais aspectos são levados em consideração pelo discurso da Mídia após ser adaptado de outros discursos, em especial, do Discurso Literário, e por considerar importante entender como a cultura midiática estabelece identidades diferentes tendo como base as pistas deixadas pela Literatura.

Sabe-se que as diversas manifestações do discurso - político, religioso, midiático, literário, entre outros - se situam no campo da AD (Análise do Discurso), que procura analisar as construções ideológicas transmitidas por tais manifestações, indo além do que está explícito no texto, pois, como aponta Orlandi (2010) o discurso atravessa o texto para encontrar o sentido que não está expresso, mas que o próprio discurso permite reconhecer que ele existe.

Todas as manifestações discursivas procuram, por meio da linguagem, influenciar os sujeitos. A mídia, por exemplo, com toda a sua capacidade de veicular estereótipos, padrões sociais, desconstrói tipos discursivos construídos pela Literatura e apaga da memória das pessoas discursos já ditos para inserir o que está sendo dito, estabelecendo, desta forma, identidades diferenciadoras que provocam diferentes efeitos de sentido.

Visto desta forma, foram inúmeros os questionamentos que surgiram, considerando alguns como pistas que existem ou são deixadas de um discurso para o outro: Ao vir para a mídia, o discurso literário se apaga ou não? Que pistas nos levam a estas inferências? Que características tem o discurso literário? E quando passa para outro campo, que atravessamentos podem ser percebidos que nos levam a inferir que são oriundos da literatura? Entretanto, em meio a tantas possibilidades, há uma questão que mais nos incomodou como pesquisadora: de

que maneira a cultura da mídia constrói identidades diferenciadoras mediante pistas reveladas pelo discurso literário?

Partindo destas questões, estimamos que os discursos são, sem dúvida alguma, permeados por ideologias que perpassam o meio social e provoca mudanças nos comportamentos dos sujeitos que as acatam para sua vivência, muitas vezes sem perceber, pois, de acordo com a teoria lacaniana, segundo Pêcheux (*apud* ORLANDI 2011), o discurso age no inconsciente das pessoas, podendo provocar, desta forma, efeitos de sentido. Assim sendo, percebe-se que os meios que veiculam as ideologias de maneira a entreter os interlocutores a seguir aquilo que lhe é proposto estão cada vez mais presentes no espaço social. Pode-se citar a Literatura e a Mídia como alguns deles por estarem acessíveis a quase todas e possuírem a capacidade de manipular, conduzir olhares, induzir. Assim, aos poucos, os discursos midiáticos e literários podem construir e definir as identidades dos sujeitos.

Nesta perspectiva, devido ao fato de a mídia ser um campo fértil, permeado por discursos, e de estes agirem no inconsciente do sujeito causando os efeitos de sentido pretendidos, pressupõe-se que a cultura midiática estabelece estratégias para construir discursos identitários que são de seu interesse, uma vez que pretende influenciar os comportamentos dos sujeitos leitores. Com base neste pressuposto, pretendeu-se analisar, no presente estudo, os atravessamentos discursivos entre as modalidades literárias e midiáticas buscando compreender os tipos discursivos construídos pela cultura midiática a partir das pistas reveladas ou dos não-ditos no campo literário.

Desta forma, visto que todo e qualquer discurso parte de outros discursos, percebe-se a Mídia como meio que se aproveita do que já foi colocado pela Literatura para construir o seu discurso - nem sempre seguindo a mesma linha - mas construindo efeitos de sentido de acordo com os seus interesses, impondo, assim, modelos e padrões com os quais os sujeitos passam a se identificar.

Como já ressaltado, este estudo foi centrado no Campo da AD e se constituiu em uma pesquisa de cunho qualitativo, analítico e teórico, visto que o referido campo de saber trabalha, em especial, com o uso real da língua e o real da história, numa busca incessante pelos sentidos ressignificados nos discursos (ORLANDI, 2010, p.20).

Segundo esta autora, a Análise do Discurso tem seus dispositivos - analítico e teórico, ou seja, toda pesquisa demanda artefatos teóricos para que se efetue a análise do(s) objeto(s), uma vez que este(s) não se mostra(m) como transparente(s), necessitando, assim, de dispositivos teóricos para compreendê-los e interpretá-los. Consoante a isso, Orlandi (2010), afirma ainda que a AD tem seu método próprio de realizar a análise do corpus pretendido, visando compreender como os objetos simbólicos produzem sentido, não estacionando na interpretação, mas indo além, uma vez que a linguagem não é transparente, é preciso atravessar o objeto para extrair o sentido, isto é, perceber não só o que está sendo explícito, mas também o que está implícito, discursivamente falando.

Numa análise se faz necessário perceber o que está sendo dito e não dito (ORLANDI, 2010). Sendo assim, torna-se necessário que o analista de discurso seja uma pessoa de posições, como explica Mazière (2007, p.23), "O analista de discurso não é uma pessoa neutra. Nunca (...) ele deve assumir uma posição quanto à língua, uma posição quanto ao sujeito. Ele deve, igualmente, construir um observatório para si."

Partindo desta perspectiva teórico-metodológica, para a realização deste estudo, foram recortados fragmentos de alguns dos contos de fada, tais como *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *João e Maria* e *A bela e a Fera*, visando ao confronto interdiscursivo entre partes do seriado norte-americano *Once Upon a Time*, buscando entender como a Mídia parte dos recursos disponíveis no campo literário para criar o seu próprio discurso, ora mantendo os valores ali ressaltados, ora estabelecendo outros novos. Considerando os fragmentos recortados para análise, objetivou-se entender os tipos discursivos que são apontados em cada gênero, principalmente no que diz respeito à personalidade de alguns personagens, tais como *Branca de Neve*, cujo efeito de sentido causado pelo discurso, no conto, é o de uma menina boazinha, mas que no seriado possui um caráter diferente; *João e Maria*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Bela (A Bela e a Fera)* que, assim como a personagem *Branca de Neve*, perdem suas características de personalidade quando atravessados do discurso literário para o midiático. Recortaram-se fragmentos destes contos por notar, no seriado, maiores traços de atravessamentos discursivos, bem como, por perceber nos discursos que há atravessamentos, intencionalidades em formações de identidades dos leitores/expectadores, teoricamente.

Para embasar esta pesquisa, trabalhou-se com as seguintes concepções: os discursos literários e midiáticos e a formação de identidades destes discursos nos sujeitos leitores/receptores, procurando compreender como se caracterizam os discursos em suas especificidades ou peculiaridades, analisando o que é mantido e o que se perde nessa suposta transferência parafrástica e polissêmica. Sob esta perspectiva, tem-se como fontes principais os teóricos da Análise do Discurso: Pêcheux (1997, 2006 e 2009) e Orlandi (2010), e outros que com eles dialogam acerca do interdiscurso, e, conseqüentemente, ideologia.

Somado a estes teóricos, estão aqueles que estabelecerão um diálogo entre as Ciências Humanas, Linguística e Literatura, considerando os conceitos em foco Literatura infanto-juvenil: Zilberman (1999), Lajolo (1999) e Coelho (2010); cultura da mídia: Kellner (2001); sobre identidade: Baumam (2005), Stuart Hall (2006) e Silva (2009); além de alguns estudos a respeito dos Contos de Fadas.

O texto se divide em quatro seções: na primeira seção, apresenta-se a historicidade da Análise do Discurso, o seu surgimento e sua constituição; na segunda, enfatiza-se sobre o discurso pecheuxtiano e, em subseção, o interdiscurso e como este é manifestado na movência de dizeres do literário para o midiático, mostrando isso através de fragmentos discursivos tanto dos contos quanto do seriado; na terceira seção, abordam-se as especificidades dos discursos literário e midiático e como se processa o atravessamento do discurso de um campo de saber para o outro, evidenciando as estratégias discursivas e os efeitos de sentidos causados nos sujeitos leitores, percebidos através de análises dos dizeres atravessados dos Contos de Fadas para o seriado; e por fim, na quarta, a partir das análises feitas, estuda-se a construção da identidade midiática, ou seja, como a mídia molda e constrói a identidade dos sujeitos a partir das pistas apontadas pela Literatura.

1. PRINCÍPIOS SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Por considerar que todo campo do saber resguarda uma historicidade, nesta seção, objetiva-se situar o leitor acerca da dinâmica político-ideológica ressignificada pela Teoria do Discurso de orientação francesa.

Acredita-se que a referida adjetivação se deve ao fato de a Análise de Discurso (doravante AD) ter se constituído teoricamente na França, tendo como principal figura o filósofo Michel Pêcheux, o qual se baseou, teoricamente, nas teses de Althusser e sua releitura de Marx e de Lacan (releitura de Freud). Foi com base em Althusser que Pêcheux formulou o conceito de ideologia, tendo em vista que, para aquele, a ideologia é entendida como *“uma relação imaginária que os homens mantêm com as suas condições reais de existência”*(GREGOLIM, 2006, p.43.) (GRIFOS DO AUTOR).

Pêcheux (apud HENRY, 1997) concebe a ideologia como algo que dissimula sua própria existência na sua forma de funcionamento, daí ele formula a noção de luta ideológica de classes relacionadas às condições de produção. Segundo Henry (1997) foi com base na teoria lacaniana que Pêcheux passou a considerar o sujeito como um efeito de discurso, constituído pelo inconsciente. É, portanto, através de Althusser e Lacan que, o autor em questão, estabelece o conceito de sujeito na análise de discurso. Sujeito esse atravessado pela linguagem, que, a partir das teorias discursivas, é tomada como uma prática instável que vai de encontro com o simbólico e com o político. (HENRY, 1997).

De acordo com Maldidier (1997), o surgimento da AD é marcado por alguns artigos de Pêcheux assinados por Thomas Herbert, mas esta só começou a se formar e a se impor na virada da década de 70, marcada pela conjuntura teórico-política da década de 1960, colocada em questão pela dupla fundação de Michel Pêcheux e Jean Dubois, em que ambos tomam como base os estudos de Marx firmando-se em três correntes: a Linguística, a Materialista e a Psicanalista.

Embora tenham sido J. Dubois e M. Pêcheux que, podemos dizer, elaboraram esta disciplina, segundo a autora citada, não se pode colocá-los num mesmo segmento de pesquisa, pois Dubois é um grande nome da Linguística Francesa, enquanto que Pêcheux é filósofo. Assim,

Do lado de J. Dubois, a instituição da AD é pensada dentro de um *continuum*: a passagem do estudo das palavras (lexicologia) ao estudo do enunciado (análise do discurso) é “natural”, é uma extensão, um progresso permitido pela linguística. A AD, em suma não terá sido senão um lance de seu caminho científico. Do lado de M. Pêcheux, ao contrário, a análise do discurso é pensada como ruptura epistemológica com a ideologia que domina nas ciências humanas (especialmente a psicologia). O objeto discurso, que reformula a fala saussuriana na sua relação com a língua, implica, de acordo com a fórmula althusseriana, uma mudança de terreno. (MALDIDIER, 1997, pp. 18-19).

Todavia, ainda de acordo com Mالدیدیر (1997), mesmo com estas distinções, há um espaço comum entre estes estudiosos, pois ambos partilham das mesmas evidências sobre a luta de classe, a história e o movimento social, com isso, a AD ganha consistência sob o signo da ciência linguística, com base na revolução chomskiana. Desta forma, o seu nascimento é presidido pelo Marxismo e pela Linguística. Diante do “gesto inaugural”, percebe-se que o discurso construído a partir de hipóteses histórico-sociais não se confunde nem com bases empíricas nem com o texto.

A Análise de Discurso teve um lugar específico nos anos de 1970-75 e, com base em J. J. Courtine (*apud* MALDIDIER, 1997, p.23), ela é definitivamente uma prática disciplinar que se resume em três proposições:

1) ela realiza o fechamento de um espaço discursivo; 2) supõe um procedimento linguístico de determinação das relações inerentes ao texto; 3) produz no discurso uma relação do linguístico com o exterior da língua.”

Logo, o aparecimento da AD em 1960 foi um acontecimento na história das práticas linguísticas ao mesmo tempo em que foi na história dos questionamentos marxistas sobre a linguagem, propondo aos linguistas um modo de abordarem a relação entre língua e história e aos marxistas saírem do discurso da filosofia da linguagem (MALDIDIER, 1997, p.24). Porém,

É preciso esclarecer que Análise de Discurso: três épocas não se trata de um texto “acabado” como os demais, mas de um esboço, de anotações que Pêcheux fazia sobre suas reflexões e que pontuam aspectos importantes dos diferentes momentos que constituem o campo teórico da Análise de Discurso (ORLANDI, 2001, p.16).

Segundo Henry (1997), Pêcheux sempre teve interesse numa fisionomia teórica e científica no âmbito das ciências sociais, “Ele afirmava, no momento da publicação de a análise automática do discurso, que ali encontrava seu objetivo profissional principal” (HENRY, 1997, p.14). Nesta condição, ainda de acordo com Henry (1997), o que de fato interessava Pêcheux eram os aspectos de uma atitude não-reducionista no que se referia à linguagem na corrente estruturalista, na qual ele objetivava desenvolver a análise automática de discurso, procurando atribuir às ciências sociais um instrumento científico que tinha como objetivo colocar em questão o sistema das garantias em que essas ciências se sustentavam e possibilitaram o aparecimento de objetos novos não visíveis a partir da teoria ideológica que está na sua base. Tudo isso se encaminharia para a produção de novos objetos científicos que propiciaram a construção de ciências novas.

Segundo Orlandi (2010), a Análise de Discurso surgiu da necessidade de ir além de uma linguística frasal que não dava conta do texto em toda a sua complexidade, voltando-se para o “exterior” linguístico, buscando entender como o sócio-histórico da produção do discurso se inscreve na materialidade linguística. O discurso está relacionado com o efeito de sentido entre interlocutores, como afirma o próprio Pêcheux (1969), sendo os efeitos de sentido causados por objetos simbólicos, ou seja, por discursos que permeiam em torno do sujeito, carregados de ideologia, pois esta é responsável pela constituição do sujeito e dos sentidos.

Orlandi (2010) diz que, um dos objetivos da AD é ressignificar a noção de ideologia e como esta se materializa através da linguagem. Temos noção que a ideologia se manifesta no signo ressignificando-o à realidade de acordo com os sujeitos que participam da comunicação fazendo aparecer os valores, sentidos, ideologias de uma sociedade e, segundo a mesma autora, não existe realidade sem ideologia, uma vez que, sujeito e ideologia constitui uma mesma realidade. Assim como também, “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados” (ORLANDI, 2010, p.47).

Mas a ideologia não se apresenta equivocadamente, ela surge das manifestações necessárias para que o sujeito a aceite, se despontando através da memória e do esquecimento, ou seja, para que o discurso tenha sentido é preciso apagar da memória um sentido para que surjam outros novos sentidos, como afirma Orlandi (2010, p. 49) “O trabalho ideológico é um trabalho da memória e do

esquecimento, pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá”.

A ideologia, para Pêcheux (1969), é o principal conceito para se entender a Análise de Discurso, pois ela permite a construção do discurso que afeta o sujeito para assim produzir sentidos e é por meio dela que surgem as evidências, ou seja, designando o que é e o que deve ser, partindo sempre da linguagem, lugar onde ela se materializa. Para o autor, há duas formas de resistências ideológicas, as quais ele denomina de *ideologia do tipo A* e *ideologia do tipo B*. A primeira se refere ao processo de produção, ou seja, a originalidade do discurso; a segunda refere-se às relações sociais de produção, no intuito de produzir e conservar as diferenças entre as relações sociais e de produção nas sociedades de classe.

Sendo assim, M. Pêcheux enuncia um princípio de dualidade. Podemos confirmar isso no artigo de Dresch (2003, p.7),

A partir da identificação das duas formas de ideologia, Pêcheux enuncia o princípio de dualidade, identificado como as duas formas de funcionamento da ideologia, composto de uma dominância metafórica semântica, e uma dominância metonímica sintática, e aponta, igualmente o princípio da desigualdade, a impossibilidade de colocar a existência de formas A fora da existência de formas B. O processo ideológico seria a combinação do efeito metafórico com o efeito metonímico, o deslocamento de significações que dá ao agente de produção sua posição no processo de produção e é travestido em outra cadeia de significantes, produzindo significações nesse deslocamento.

É este deslocamento que, na AD, permite o surgimento de novos discursos, pois eles não surgem do nada, para existirem, foi necessário que algo dito fizesse o deslocamento para que o novo surgisse. Assim, todo discurso evoca outros discursos e, desta forma, nenhum dizer surge do nada, há nele, referência a outros dizeres. Para Pêcheux (1969), esses dizeres tornam os sujeitos assujeitados dos discursos, pois, por em todo e qualquer discurso, há sempre uma ideologia subtendida.

Conforme Pêcheux (2009), a ideologia é peça importante para se compreender os discursos, pois não existe discurso sem ideias. Sendo assim, é a ideologia que dita os comportamentos dos indivíduos. Parafraseando o autor citado, é a ideologia que dita o que é e o que deve ser.

Para compreender as manifestações ideológicas, na teoria pecheuxtiana, toda formação discursiva pressupõe uma formação ideológica, vez que a formação discursiva permite compreender os processos de produção de sentidos e sua relação com a ideologia. Nestas condições, definimos formação discursiva como aquilo que numa dada formação ideológica determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2010, p. 43).

Na Análise do Discurso, a formação ideológica impõe o que pensar e a formação discursiva impõe o que fazer. É através da ideologia que o homem constrói seus discursos e reage linguisticamente aos acontecimentos à sua volta, tendo como apoio a soma de vozes de outros no indivíduo que dita a sua visão de mundo. Esta visão de mundo está intrinsecamente ligada à linguagem, já que não existem sentidos fora dos quadros da linguagem, uma vez que precisamos da linguagem para transmitir o que sentimos e pensamos, por isso que dizemos que a formação ideológica é formada pelo discurso. Desta forma, é impossível pensar sem fazer uso da linguagem, a ausência desta impossibilita que o indivíduo formule seus pensamentos, pois, apesar de serem distintos, é através da linguagem que o indivíduo se expressa, formando discursos.

Orlandi (2010, p.43) vem nos dizer que “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes que se alojam na memória”.

Portanto, são as formações discursivas que dão permissão para que um indivíduo interpelado pelo sujeito diga algo ou o deixa de dizer. Elas não só ditam o que dizer, mas também como dizer, isto é, cada sujeito fala de uma posição, na qual ele se inscreve e essa posição define o seu discurso, através das formações imaginárias.

2. O DISCURSO PECHEUXTIANO

Para compreender os atos discursivos, as vinculações destes com a linguagem e com o contexto histórico-político-social do sujeito, abordam-se nesta seção, questões referentes ao discurso e suas formas de manifestações. O discurso em si, por assim dizer, é uma construção linguística ligada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido. Isto é, as ideologias presentes em um discurso são marcadas pelo contexto político-social, em que o autor está inserido. Dessa forma, a Análise do Discurso vai além de uma análise textual, sendo também uma análise contextual de uma estrutura discursiva.

Vê-se que os discursos são determinados pelas formações discursivas e estão por toda a parte, assim, em tudo que pronunciamos ou ouvimos, há manifestações discursivas relacionadas ao nosso contexto ou ao contexto do outro.

Pêcheux (1969) define o discurso como efeito de sentidos entre os interlocutores, ou seja, os processos de produção do sentido estão relacionados às suas determinações histórico-sociais, constituindo não só uma prática de representação de mundo, mas uma prática de significação de mundo que se manifesta na linguagem, pois é através desta que é possível analisar as materialidades do discurso.

Partindo dessas considerações, de que o trabalho simbólico do discurso está vinculado à existência humana, Orlandi (2010, p.15) diz que,

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto a transformação do homem e da realidade que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Todo e qualquer discurso provém de outros discursos, ou seja, o que está sendo dito não surge do nada, tem origem em outros enunciados que já foram proferidos. Sendo assim, como já foi ressaltado, segundo Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2009), nenhum sujeito é dono do seu dizer, antes de ser seu ele já foi dito em outras ocasiões e situações, sendo agora pronunciado de maneira modificada, abrindo possibilidades para o surgimento de novos discursos que não estão

necessariamente naquilo que está sendo dito, mas no acontecimento que permite o retorno dos dizeres.

Dessa forma, ao referir-se ao seriado *Once Upon a Time*, percebe-se nele não os mesmos discursos dos contos, mas acontecimentos, por se tratar de novas histórias, que remetem às materialidades que já foram lidas ou ouvidas nos contos de fadas, pois,

(...) *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido e referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem* (PÊCHEUX, 2009, p. 146-147, *grifos do autor*).

Com isso, percebe-se que as formações discursivas e ideológicas determinam os discursos e a transferência destes de um contexto para outro, e dessa forma, interpelam os indivíduos em sujeitos falantes, sendo eles sujeitos do seu discurso. Assim, sendo o discurso uma atividade desenvolvida pelo homem, vez que somente a ele é dada a capacidade de se expressar através da linguagem, tal artifício permite-lhe desenvolver e se construir socialmente.

Nesse sentido, a linguagem é fundamental para o desenvolvimento humano, pois media a interação do homem com o seu próximo e com o mundo, já que, para que haja o processo de comunicação, o homem se apropria dela não só para se comunicar, mas também, para desenvolver e transmitir culturas, expor seus ideais, enfim, as ideologias do seu grupo e do meio em que vive, e essas ideologias são transmitidas através dos discursos.

Pode-se então, dizer, com base nas leituras de Orlandi (2010), que ao se utilizarem da linguagem, os falantes produzem também discursos, o que nos faz entender o discurso como um fenômeno extremamente complexo, bem como a linguagem, por isso existem diversificadas definições para esta, criando inúmeros significados. Alguns teóricos, como Lyons, afirmam que “A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos” (LYONS, 1987 *apud* SAPIR, p. 17).

LYONS (1987 *apud* HALL, p.18) diz que “a linguagem é uma instituição social pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de

símbolos arbitrários orais auditivos habitualmente utilizados”, pois esta é estudada de múltiplos pontos de vistas e é pertencente a diferentes domínios. Deste modo, podemos dizer que o discurso cria uma imagem ordenada do mundo e cada indivíduo contribui para um significado extraído dele, influenciando comportamentos humanos. Ele é determinado pelas condições sociais e possui autonomia em relação às formações sociais.

Vivemos em uma sociedade em que tudo a nossa volta nos diz muita coisa e, como seres que não conseguem viver isoladamente, precisamos interagir com o nosso meio social. É essa interação que marca o processo de comunicação humana e, para que isso aconteça, a pessoa precisa ser capaz de ler e interpretar o mundo e os discursos que nele são veiculados.

Quando se fala em discursos, refere-se aos que chegam até nós através da televisão, do livro, da internet e até mesmo das falas, entre tantas outras, pois tratam-se de materialidades que nos permitem relacionar com o outro e/ou impor nossos pensamentos e ideias.

É por meio do discurso que as pessoas tentam convencer as outras a pensar e seguir seus preceitos, não só as pessoas, como também as mídias. Estas por sua vez, se apoderam de seus recursos intermináveis e inesgotáveis para convencer seus expectadores a aceitarem o que está sendo colocado em evidência por elas.

Tomando por base o seriado analisado, percebemos nele certa preocupação em fazer o leitor/expectador desmitificar as fantasias dos contos e acreditar em um mundo real e cruel, permeado por maldades, em um mundo horrível no qual nada é tão fácil e tão fantasioso como nos contos. A chamada de abertura da série traz os seguintes dizeres: “Havia uma floresta encantada com os personagens clássicos que conhecemos ou pensamos conhecer. Um dia eles se viram presos num lugar em que seu final feliz foi roubado. O nosso mundo”. (ONCE UPON A TIME, 2011).

Pode-se perceber, neste fragmento, a desmitificação da fantasia, infligindo que no mundo em que vivemos não existem “finais felizes”. É justamente esse enunciado, bem como “personagens encantados”, que nos permite perceber discursos oriundos dos contos que, quando utilizados no seriado, deixam-se evidenciar a tentativa de trazer ou manter quem assiste para/na realidade, apagando assim, os sentidos estabelecidos pelos contos, melhor dizendo, leva o leitor/expectador a encarar a realidade tal como ela é, uma vez que as histórias dos

contos nos fazem imaginar e, fazem principalmente, o público infantil, acreditar e lidar com um mundo que nem sempre faz sentido, tendo em vista que se trata de um mundo impregnado de fantasias e fatos surreais.

Desta maneira, as pessoas estão filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos através da ideologia que age no inconsciente. Com base em Pêcheux (*apud* HENRY, 1997), as palavras não têm um sentido ligado à sua literalidade; o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe em relações de metáfora (transferência) que se dão nas formações discursivas, que são seu lugar histórico provisório. A leitura (escuta) proposta por Pêcheux expõe o olhar leitor à opacidade do texto, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres.

De acordo com Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2009), entende-se o discurso, enquanto efeito de sentidos, pois o dito é carregado das ideologias vigentes na sociedade que provoca diferentes interpretações no seu interlocutor, causando, assim, diferentes efeitos, propiciados pelas estratégias utilizadas pelo discurso.

Mazière (2007), coloca que, para entender, portanto, os discursos e suas interferências, faz-se necessário um trabalho minucioso do analista de discurso que não pode ser uma pessoa neutra, tendo em vista que ele precisa assumir uma posição quanto à língua e quanto ao sujeito construindo para si um observatório.

Com base no seriado e com todas as outras manifestações que chegam até nós, através dos aparelhos ideológicos, como os meios de comunicação, podemos perceber que todo e qualquer enunciado não surge do nada. Toda fala, todo texto, trazem marcas de outras falas, de outros textos que já foram ditos ou escritos e que ressurgem em novos discursos com o intuito de, na maioria das vezes, influenciar ou modificar comportamentos dos ouvintes/leitores.

Neste caso, a AD oferece ao analista do discurso um arcabouço de ferramentas considerável para que este possa analisar os diversos discursos que transcorrem na sociedade, como a Mídia, por exemplo, que se apodera de outras pistas para modificar e inculcar pensamentos em seus leitores, funcionando, assim, como “operadores de memória”, ou seja, seu discurso é resgatado de memórias antigas que, apagadas, dão lugar às novas.

De acordo com Baracuhy (2010, p.168),

(...) a AD rejeita a ideia de um sujeito estrategista, que tem a liberdade de falar o que quer; ao contrário, para o campo de saber

em questão, o discurso do sujeito é pautado tanto pela ordem de língua como pela ordem sócio-histórico-ideológica. Seus dizeres são controlados, selecionados e organizados por vários procedimentos de controle social.

Sabendo que todo texto traz marcas de outros textos, Orlandi (2010) diz que a memória é que nos possibilita compreender o que está sendo dito, ou seja, recorreremos a ela para resgatar o que já sabemos sobre determinado aspecto e, assim, compreender o novo. Para a autora, a memória faz parte do discurso, constituindo desta forma, o interdiscurso.

No objeto de estudo em questão, os *Contos de Fada* e o seriado *Once Upon a Time*, percebe-se este deslocamento de sentidos de um campo de saber para outro. E é neste deslocamento que se nota o interdiscurso, definido por Pêcheux (1969) como memória discursiva, ou seja, aquilo que já foi dito sustenta os novos dizeres. Destarte, pode-se ainda argumentar que as pessoas estão filiadas a um saber discursivo que produz seus efeitos através da ideologia, agindo no inconsciente.

De acordo com a teoria pecheuxtiana, o sentido das palavras não se apresenta de forma literal, mas é sempre uma palavra por outra. O sentido existe em relação à transferência que acontece nas formações discursivas. Deste modo, para se compreender um texto, um discurso, é necessário que o leitor/interlocutor faça relações do que está sendo dito com outros dizeres.

Em “*Once Upon a Time*”, a começar pelo próprio título que se traduz em “Era Uma Vez”, percebe-se, desde então, um deslocamento de discursos, que permite ao leitor traçar relações da série com os contos de fada, tendo em vista que uma boa parte dos contos infantis iniciam com tal enunciado de tradução. Houve, portanto, uma transferência de dizeres de um campo para outro.

2.1. Atravessamentos discursivos: o interdiscurso

Na teoria pecheuxtiana, o sujeito nunca é dono de seu dizer, mas tem a ilusão de sê-lo. Acompanhando esta assertiva, a presente pesquisa busca compreender como se processam os atravessamentos histórico-discursivos, denominados por estudiosos da AD como interdiscurso, do campo literário para o

mediático. Considera-se o conceito em foco como categoria elementar de estudo, o que justifica uma seção específica para discuti-lo.

Segundo Dantas (2007), o interdiscurso é um conceito oriundo dos estudos de Pêcheux (1988), ampliados, posteriormente, por Henry (1997), ao constituir outro elemento de suma importância, denominado de pré-construído, designado por Henry (1997) como algo construído anterior e exteriormente em oposição à construção de enunciados. Trata-se assim, de acordo com o mesmo autor, como efeito discursivo ligado ao encaixe sintático que se insere na forma de um pré-construído, levando a crer que os elementos e sentidos sempre estiveram ali. É importante dizer, todavia, que existem outras nuances que dão sentido às interdiscursividades. Entre elas, destacam-se o efeito metafórico, a paráfrase e a polissemia. Concepções que nortearão as discussões iniciais desta seção, juntamente com o interdiscurso.

Por se tratar de um conceito pècheuxtiano e por sua aparição ter sido anterior aos demais, considera-se relevante travar as discussões pelo viés do interdiscurso. A princípio, é caracterizado pelas influências das formações discursivas exercidas sobre um texto ou discursos que são ditos em outros lugares, interpretados como dizeres de outra região discursiva e sujeitos que determinam um novo dizer, um novo enunciado. Assim, o interdiscurso tornou-se conhecido como discurso que atravessa, historicamente, outros dizeres, proferidos por outros sujeitos, em lugares vários.

Neste sentido, Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2011, p. 158) diz que

(...) longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é *porque* os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se descolar historicamente (GRIFOS DO AUTOR).

Mesmo sendo os discursos oriundos de outros discursos, o sujeito não tem consciência disso. Ele pensa que é dono do seu dizer, porém, o que ele diz é sustentado pelo dizer de outros sujeitos que se significam nos novos enunciados. De acordo com Orlandi (2010, p.32),

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas se significam pela história e pela língua. O que é dito em outro

lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.

Destarte, de acordo com Dantas (2007), de nada adianta querer saber ou procurar entender o que tal sujeito quis dizer com tal enunciado, pois se nem ele mesmo tem controle do seu discurso, além de que, cada enunciado causa diferentes efeitos de sentido em quem ouve. Porém, o fato de perceber que um dito é atravessado de outros já ditos é fundamental para compreender o funcionamento discursivo. E essa compreensão só é permitida com o auxílio da memória que é tratada como o interdiscurso.

Para que se percebam os atravessamentos de discurso, ou seja, o interdiscurso, o sujeito recorre à sua memória para nela resgatar e perceber os implícitos em um texto. Desse modo, conforme Orlandi (2010), determina-se a memória como memória discursiva que pode ser compreendida como o efeito da presença do interdiscurso no acontecimento do dizer, ou seja, trata-se de um conjunto de já-ditos que sustenta todo o dizer. Ao fazer a retomada à memória, o sujeito cria dentro de si uma série de disjunções, deslocamentos, retomadas, conflitos de regularização, enfim, produzindo dessa forma, um jogo de efeitos de regularidade.

Pode-se então dizer, que o interdiscurso é uma retomada de outros discursos que determinados pela ideologia podem reaparecer em forma de reconstrução, quando está sendo dito o que todo mundo já sabe, mas que se esqueceram por alguma razão; de confirmação, quando as vozes se conjugam a um único objetivo; de contradição, quando vozes diferentes disputam um espaço de dizer a partir de diferentes lugares; e, em forma de polêmica que, assim como na contradição, se realiza a partir de diferentes vozes, porém em um mesmo espaço de dizer e não a partir de diferentes lugares (DANTAS, 2007).

Outro conceito importante para entender o interdiscurso é a metáfora. Importante porque é definitiva no processo de construção dos sentidos e de constituição dos sujeitos. Neste contexto, a metáfora deixa de ser concebida apenas como figura de linguagem para caracterizar-se, de acordo Orlandi (2010), como a tomada de uma palavra pela outra através da transferência de sentidos, estabelecendo, dessa forma, o modo como as palavras se significam. “Em princípio

não há sentido sem metáfora. As palavras não têm, nessa perspectiva, um sentido próprio, preso a sua literalidade” (ORLANDI, 2010, p.44).

Na teoria pecheuxtiana, de acordo com Orlandi (2010), o sentido existe de forma exclusiva nas relações de metáfora, tendo as formações discursivas como lugar mais ou menos provisório. Ainda de acordo com a teoria citada, o sentido passa a se significar e se confrontar devido a uma transferência metafórica, pois o sentido é sempre uma palavra, uma expressão, uma proposição por outra palavra, uma outra expressão ou proposição.

Para Dantas (2007), assim como a metáfora, a paráfrase também é vista como um dispositivo necessário à realização do percurso metodológico da AD, os dizeres são estruturados a partir de famílias parafrásticas que se manifestam nas dimensões da organização humana, sendo a paráfrase considerada na repetição do dito nos discursos dos sujeitos.

Na Análise do discurso, paráfrase e polissemia são entendidas como diferentes vozes em um mesmo espaço do dizer ou em espaço de dizer diferente. A polissemia compreende como diferentes sentidos no discurso, enquanto que a paráfrase refere-se aos mesmos sentidos instaurados no discurso. (DANTAS, 2007).

Ainda de acordo com Dantas (2007, p.59),

A paráfrase se caracteriza por retomar constantemente a um mesmo dizer sedimentado, através de formulações diferentes para o mesmo sentido. O sujeito adota uma matriz para o sentido e através dela coloca a sua realidade do texto e não permite que outra realidade se faça presente. (...).

Enquanto que a polissemia,

(...) tem como principal característica a ruptura com esse mundo lógico e unitário, constituindo-se num processo que representa tensão constante estabelecida pela relação homem mundo, pela introdução da prática e do referente, enquanto tal, na linguagem. (...) No processo polissêmico, há um conflito entre o que é garantido e que garantir, entre a instituição e os sujeitos que a povoam (DANTAS, 2007 p.59).

Em outras palavras, o processo parafrástico constitui-se na retomada de dizeres que se estabelecem em um novo movimento histórico, ou seja, na paráfrase, mesmo os dizeres sendo formulados de maneira diferente, eles retornam a um

mesmo espaço do dizer. Por seu turno, no processo polissêmico, há um deslocamento de sentidos e significados. A polissemia joga com equívocos.

Para ratificar os dizeres, recortou-se um fragmento discursivo no qual é possível observar os referidos efeitos parafrásticos.

No conto,

_Princesa, - disse ele – a rainha ordenou que eu a mate, mas não posso fazer isso. Eu a vi crescer e sempre fui leal a seu pai.

_A rainha?! Mas, por quê? – perguntou a princesa.

_Infelizmente não sei, mas não vou obedecer a rainha dessa vez. Fuja, princesa, e por favor não volte ao castelo, porque ela é capaz de mata-la!

Branca de Neve correu pela floresta muito assustada, chorando, sem ter para onde ir (BRANCA DE NEVE, 2007).

No seriado,

_Ela o escolheu para me levar. Por quê?

_Deve saber por quê.

_Vai me matar?

_Tem bons instintos.

_E você armadura demais.

(...)

_Toque isto se precisar de ajuda.

_Quê?

_É um apito. Terá ajuda. Terá segurança. Agora, fuja.

_Não entendi. Não vai me matar?

_Fuja! (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 7).

Assim é possível verificar os dizeres parafrásticos quando no seriado há uma reafirmação do caçador de bom coração incapaz de dar fim à vida de Branca de Neve, assim como no conto, isto é, tanto em um como em outro, o caçador se mostra bondoso enganando, dessa forma, a rainha que quando descobre a traição, mantém o caçador como seu escravo, controlando suas ações e sentimentos.

Nota-se, portanto, nos dizeres da série, uma retomada dos dizeres dos contos, o que chamamos então de processo parafrástico, pois tais processos “são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória” (ORLANDI, 2010, p.36). Além disso, é possível perceber a presença da polissemia, pois conseguem realizar uma ruptura e apresentar sentidos novos, assim, os discursos do seriado deixa evidenciar objetivo da mídia que mesmo

utilizando-se dos mesmos enunciados, são apresentados em lugares diferentes o que levam os sujeitos a atribuir aos dizeres significados também diferentes.

A paráfrase, portanto, constitui-se na retomada constante de um mesmo dizer com formulações diferentes, enquanto que a polissemia se refere à relação dos novos dizeres com o mundo ou com o que o sujeito vive, estando aberto a diferentes formas de interpretação.

Para confirmar tal afirmativa, Orlandi (2010, p.36) nos diz que

(...) ao tomar a palavra produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam.

Dessa forma, no dizer de Orlandi (2010), os sentidos dos discursos se movimentam nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o que já foi dito, o que está sendo dito e o que está por se dizer e é em consequência desse movimento que os sentidos passam a significar para os sujeitos.

De acordo com Henry (1997, p. 25),

Se o homem, escreve Pêcheux, é considerado como um animal que se comunica com seus semelhantes, não entenderemos jamais por que é precisamente sob a forma geral do discurso que estão amarradas as dissimetrias e as dissimilaridades entre os agentes do sistema de produção.

Levando-se em conta esta assertiva numa visão de Pêcheux (1969), são as dissimetrias e as dissimilaridades que nos permitem pensar que os sentidos não se significam do nada, eles têm uma razão para serem pronunciados como são, razão esta instituída pelas FD's - doravante, formações discursivas. As FD's conseguem produzir nos sujeitos uma ilusão que maquiaas evidências de que os discursos surgem de outros discursos ditos anteriormente. Esta ilusão, segundo Dantas (2007), se manifesta através de dois esquecimentos: o esquecimento número 2, que se caracteriza como a ilusão do sentido, assim, o sujeito pensa que a linguagem é transparente; e o esquecimento número 1, caracterizado pelo fato do sujeito não reconhecer outros discursos no seu discurso, isto é, o sujeito pensa que é dono do seu dizer.

Segundo Orlandi (2010), o esquecimento número 2 é que determina a ordem da enunciação. Ao falarmos, falamos de um jeito e não de outro e no percurso do nosso dizer vão formando as famílias parafrásticas que indicam que os dizeres poderiam ser outros. Já o esquecimento número 1, também chamado de esquecimento ideológico, age no inconsciente e é resultado da forma como somos afetados pela ideologia e é devido a esse esquecimento que criamos a ilusão de sermos a origem do que dizemos quando, na verdade, retomamos aos sentidos já existentes.

Em Pêcheux (2009, p. 150), nota-se que

(...) o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora pensar que a interpretação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (...) que constituem no discurso do sujeito, os *traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (*grifos do autor*).

Sabe-se, portanto, que nenhum discurso é transparente, eles são dissimulados pela influência das formações discursivas, mesmo que se pareça único, ele é atravessado de outros dizeres, porém, formulados em outras situações ou circunstâncias, o fato de ser dito em situações diferentes leva o sujeito a crer-se autônomo, dono do seu dizer.

Assim, pode-se entender o interdiscurso como efeito da interpelação ideológica, das formulações imaginárias que se fazem necessárias para o entendimento dos discursos. É o interdiscurso que marca o aparecimento dos discursos e que mantém as formações discursivas, permitindo possíveis retomadas à memória para estabelecer sentidos.

No objeto de estudo - os contos de fadas e a série *Once Upon a Time* - percebem-se marcas de atravessamentos discursivos quando se tem conhecimento de que o discurso proferido na série se originou dos discursos dos contos, como nos dizeres entre a Branca de Neve e o Caçador, apresentados acima, mas, para que tal atravessamento funcione como interdiscurso, é necessário que os ditos se apaguem e deem lugar ao que está sendo dito. De acordo com Orlandi (2010, p.36)

Os sujeitos “esquecem” que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que as palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo, sempre outras.

Pode-se concluir, portanto, numa linha pecheuxtiana, que é no interdiscurso que o sujeito observa a realidade dos enunciados. De acordo com a teoria de Pêcheux, é o interdiscurso que especifica e determina as condições dos dizeres nas quais um acontecimento é capaz de inscrever-se no espaço de coerência próprio da memória.

3. AS ESPECIFICIDADES DOS DISCURSOS LITERÁRIO E MIDIÁTICO

Nesta seção, aborda-se as especificidades do discurso literário e midiático, os recursos utilizados por cada campo para atrair o seu público, bem como o processamento dos atravessamentos discursivos de um campo para outro, ainda as estratégias utilizadas para causar efeitos de sentidos.

As especificidades literárias e midiáticas são meios de massa que mais se fazem presentes nas vidas das pessoas e, de alguma forma, influenciam nas formas de pensar e agir dos leitores, desde as crianças até os mais velhos, uma vez que são grandes propagadoras das ideologias vigentes. Para isso, tanto a literatura quanto a mídia se utilizam de recursos à disposição para impor tais ideologias e, muitas delas, partes de pistas apontadas pela sociedade ou por outros campos de saber.

Compreende-se que literatura e mídia, além de nos manter atualizados e em interação constante com o mundo, têm o poder de persuadir o leitor/expectador.

Por se tratarem de veículos de grande propagação e por hoje em dia estarem bem mais acessíveis às pessoas, é que a literatura e a mídia vêm sendo vistas como grandes manipuladoras e veiculadoras das ideologias vigentes. Muitas vezes, uma se apropria do discurso da outra - na maioria das vezes, a mídia - e passa a veicular novos discursos, quer afirmando, negando, ou mesmo criando outros valores, fazendo, assim, circular novas ideias.

O objeto de estudo apresenta exemplos de atravessamentos discursivos da Literatura para a Mídia, procurando impor novos sentidos que coloca em evidência a construção da identidade dos sujeitos leitores. É apresentado, portanto, alguns contos de fadas contemporâneos que fizeram e fazem parte da infância de muitas pessoas e as adaptações destes no seriado norte-americano *Once Upon a Time*, no qual há uma distorção de conceitos e valores no que diz respeito ao caráter das personagens muito conhecidas nos contos.

O foco principal do seriado se baseia na história da Branca de Neve e o Príncipe Encantado/James, que foram separados quando a Rainha Má lança sobre eles uma maldição que acabará com todos os finais felizes dos personagens de conto de fadas no dia do casamento dessas personagens. Em busca de consolo, Branca de Neve procura Rumpelstiltskin que emite a profecia de que a maldição da Rainha irá levar todos em algum lugar terrível, onde não haverá finais felizes (o

nosso mundo). Ele também revela que a filha a nascer da Branca de Neve, Emma, irá retornar quando completar 28 anos para resgatá-los, iniciando, assim, a batalha final contra a rainha.

Nos dias atuais, em Boston, Emma Swan, filha da Branca de Neve, vive uma existência solitária trabalhando como fiadora e caçadora de recompensas. Em seu 28º aniversário, Emma é abordada por um menino de dez anos que se identifica como seu filho, Henry, a quem Emma deu para adoção ainda bebê. Não querendo um relacionamento com ele, Emma concorda em levá-lo de volta para sua casa em Storybrooke. Ao longo do caminho, Henry mostra-lhe um grande livro de contos de fadas, insistindo que todas as histórias que estão lá são reais.

Quando eles chegam a Storybrooke, Henry informa que todos na cidade são, na realidade, personagens de contos de fadas exilados pela maldição e sem memória de suas identidades reais. Isto inclui seu terapeuta, o Dr. Archie Hopper, que é, na verdade, o Grilo Falante, e sua professora Mary Margaret Blanchard, que é realmente a mãe de Emma, Branca de Neve.

Ele afirma que o tempo está congelado em Storybrooke (como sinal, os ponteiros do relógio da cidade não funcionam) e as pessoas são incapazes de sair, mas que a maldição será quebrada por Emma uma vez que ela é filha do Príncipe Encantado e Branca de Neve.

Emma entrega Henry à sua mãe adotiva, a prefeita da cidade, Regina, que é na verdade, a Rainha Má. Quando Henry foge novamente, Emma o encontra e decide ficar em Storybrooke temporariamente. Esta decisão faz com que os ponteiros do relógio da cidade, previamente congelados, se movam novamente. A série narra as histórias de muitos personagens conhecidos, como “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela e a Fera”, “João e Maria” e outros, simultaneamente em Storybrooke e no mundo dos contos de fadas.

3.1. O discurso literário

O seriado apresenta enunciados das histórias clássicas, fazendo-se necessária uma abordagem sobre a Literatura, mais especificamente, a Literatura infanto-juvenil, mas antes, far-se-á uma breve definição geral de Literatura.

A Literatura é uma forma de expressão do homem e, como todas as outras formas de expressão, busca entreter o seu leitor, procurando envolvê-lo com suas

palavras e com sua rica linguagem. Através da Literatura, o mundo é recriado pelo escritor, ou seja, os textos literários trazem em si a realidade vivida por muitas pessoas e, por isso, torna-se tão fácil envolvê-las, pois, nas palavras e ideias do escritor, está representada a realidade humana. Isso porque, para escrever, o autor imagina e, ao imaginar, recria o que está à sua volta.

Afrânio Coutinho (2003, p. 46), tão sabiamente, apresenta uma definição acerca do que é Literatura. Segundo ele,

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada, através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferente dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mais medidas pelos mesmos padrões das verdades ocorridas. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido de vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida. A Literatura é, assim, vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.

Se a Literatura faz um retrato das vivências humanas, então, é natural dela que se use de seus artefatos para entreter o sujeito leitor, principalmente, se tal sujeito for uma criança, um ser ainda em formação, em processos iniciais de construção identitária. Ao ler uma história, seja ela qual for, a criança traz para o seu mundo aspectos ali contidos, imaginando um mundo idealizado e ilusório como as leituras dos contos de fada que levam muitas crianças a idealizarem um mundo perfeccionista, tal como vivem os heróis e princesas dos contos, pois, de acordo com Lajolo e Zilberman (1999), estudiosas da literatura infanto-juvenil, os Contos de Fadas permitem a exposição de um mundo idealizado, o qual colabora desde cedo com a maneira como as pessoas se identificam.

A ideologia presente nos Contos de Fadas é ilusória, pois oculta a realidade como de fato ela é. E, a partir dela, desenvolve-se um pensamento e, embora não

tendo consciência disso, todos reproduzem os discursos que, na verdade, surgem de instituições sociais como: Estado, Igreja, Família e a Escola.

(...) existe, portanto a ideologia de uma escola, que orienta a prática pedagógica; a ideologia religiosa, que dá regras de conduta aos fiéis; a ideologia de um partido político, que estabelece determinada concepção de poder e fornece diretrizes de ação a seus filiados (ARANHA,1997 p.36)

A ideologia, presente nos livros ou em qualquer outro veículo de comunicação, de fato, é uma espécie de universalização de determinado discurso que orienta a ação dos homens para a construção de um imaginário social, ou seja, é a criação de uma justificativa coerente de imagens e de representações que explicam a realidade vivida e valores que são aceitos como verdadeiros, impostos pelos aparelhos ideológicos sociais. Acerca dessa questão, Chauí (1980) adverte sobre o caráter impositor do discurso ideológico, dizendo que:

(...) a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar o que devem sentir e como devem sentir o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter, prescritivo, normativo, regulador... (CHAUÍ, 1989 p.113).

Deste modo, a ideologia está fortemente infiltrada na linguagem, pois “cada uma das visões de mundo apresentam-se num discurso próprio” (FIORIN, 2001, p. 29) e, em se tratando de um discurso, percebe-se que tanto na linguagem oral, quanto na escrita, há uma imensa tentativa de convencimento, ou seja, de passar para o leitor e/ou ouvinte uma visão de mundo, um pensamento e, conseqüentemente, reproduzir uma ideologia.

Segundo Aranha (1997, p.41), “... a realidade mostrada à criança é estereotipada, idealizada e, portanto, deformadora.” Desde o início da vida escolar já são ensinados às crianças valores e conceitos sem contradições, para que elas cresçam acreditando que são verdadeiros e válidos para todos. A ação pedagógica desenvolvida na escola obriga as crianças a interiorizarem ensinamentos e princípios metódicos de maneira contínua, formando neles um ritual que

permanece mesmo quando cessa essa ação pedagógica. Neste processo, incluem-se grande parte dos contos infantis.

A leitura de Contos de Fadas é uma prática bastante antiga entre as crianças e todas elas apresentam um fundo moral, cujo objetivo é traçar suas identidades e até intervir em seus comportamentos. Independentemente da história, geralmente há uma intencionalidade quando se trata de Contos para crianças. É que as histórias servem para nos ajudar a lidar com o mundo, um mundo que, muitas vezes, não faz sentido.

Quando se trata do público infantil, as histórias se propagam como reveladoras de uma realidade desconhecida, não como ela é, mas da maneira como os adultos acham que a realidade deve ser imposta às crianças por considerarem-nas ingênuas e, por isso, são facilmente induzidas pelo adulto, caindo, assim, na dominação ideológica, pois o discurso da Literatura Infantil é carregado de ideologias que representam o mundo real de maneira mascarada, privilegiando as classes dominantes. Como bem enfatiza Orlandi (2010, p.48),

A ideologia, por sua vez, (...) não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há, aliás, realidade sem ideologia. (...) No entanto nem a linguagem, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.

Levando em consideração que não há realidade sem ideologias, fica fácil para as histórias infantis mascararem o mundo para as crianças e, assim, as dominarem, e neste caso, o adulto subjuga os pequenos por considerá-los incapazes de pensar por si mesmos e, por isso, os dominam fazendo interferências nas formas de pensar, entender e interpretar as histórias.

Assim, quando o seriado traz uma nova roupagem textual discursiva do que era apresentado nos contos, ele tenta desmitificar esse mundo fantasioso. Em oposição aos contos, em que todos os finais são felizes, o seriado apresenta um mundo verdadeiro, mostrando que o mundo real não é e não se baseia em Contos de Fadas.

Desta forma, os livros infantis têm um caráter social porque, além de sofrer ação do meio, exerce influência sobre ele, modificando, assim, a conduta de concepção de mundo ou reforçando seus valores sociais, valores esses que são

utilizados pelo escritor para causar impacto no público destinado. Neste sentido, percebe-se que a Literatura Infantil tem a intenção de modificar os comportamentos da criança, impondo-lhe valores sociais que devem ser seguidos e aprimorados. Como afirma Fiorin (2001, p.55):

A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente.

Embora, sem fugir da lucidez e sem deixar de retratar todo encantamento do mundo das crianças, o livro infantil apresenta a elas todos os problemas da realidade que as cercam, aguçando-lhes a curiosidade. Assim pensando, tanto a leitura de contos realistas, como a leitura de contos de magia tem o papel social transformador da infância, à medida que, ao mesmo tempo em que pode influenciar nos comportamentos, pode fazer a criança pensar e refletir criticamente.

Tal pressuposto parte de que, atualmente, os pais passam a ver a educação das crianças como preparação para a vida, sendo que no período medieval elas eram apenas colocadas no mundo, pois, a partir dos sete anos de idade, as crianças já eram consideradas preparadas para enfrentar e participar dos problemas dos adultos, sem muita distinção entre eles, como diz Ariès (1981), a criança era tida como um “mini-adulto”.

Com o decorrer do tempo, a escola e a família passaram a privilegiar as crianças. Segundo Ariès (1981), houve uma preocupação com o futuro delas. A Literatura Infantil surgiu com fim especificamente didático, ditando regras de convívio social, feita sob a perspectiva de como deve ser apresentado o real. Assim, o que muito se vê nos Contos de fadas é uma representação constante de um único modelo de sociedade, sendo que a maioria deles enfoca em seus discursos que somente as moças bonitas, de olhos azuis e de classe alta é que podem ser princesas.

Nos contos Branca de Neve (2007), Chapeuzinho Vermelho (2007) e A Bela e a Fera (2007), respectivamente, é possível destacar os seguintes fragmentos: “No entanto, Branca de Neve crescia e aumentava em beleza e graça; aos sete anos de idade era tão linda como a luz do dia (...); “Era uma vez, numa aldeia pequenina, uma meninazinha linda como uma flor (...); “Era uma vez um rico comerciante que

tinha três filhas, cada uma mais encantadora que a outra. A mais moça era tão linda — de mente, corpo e coração — que a chamavam de Bela.”

Considerando os dizeres em foco, percebe-se, então, que, em todos esses contos, as representações das meninas/princesas são de meninas belas e bonitas, realmente belas e encantadoras. Pode-se, com isso, intuir que esse é o modelo de beleza estabelecido pelos contos, estereótipos da cultura europeia, que prezava por mulheres belas e encantadoras

Estas características de beleza valem, também, para os príncipes, que geralmente são jovens bonitos, loiros, corajosos e com um poder financeiro elevado. Os negros e pobres, quando aparecem nas histórias, são empregados, pessoas que servem a alguém. Porém, o “... felizes para sempre”, presente em todos os contos de fadas, é o que mais marca a ideologia neles, pois as crianças acabam acreditando que tudo na vida é um conto de fadas ou como se fosse, além de levá-las a pensarem no mundo tal como o conto apresenta: cheio de magias, isso, muitas vezes, tira-lhes a possibilidade de desenvolver aquele pensamento crítico que deveria ser proporcionado pela literatura.

Neste contexto, a Literatura Infantil apresenta duas faces: por um lado, pode ser um instrumento de dominação, quando o que se pretende é manter uma diferenciação de classes sociais ou uma representação social; por outro, pode ser um instrumento de cidadania, quando através da leitura o homem se constrói, visto que a aquisição do conhecimento é um meio de sobrevivência na sociedade na qual este se insere.

Desde criança, acostumamo-nos a ouvir uma narrativa já pensando na mensagem final que ela traz; a chamada moral da história, ou o “felizes para sempre”. Logo, o texto discursivo dos contos causa efeitos de sentidos que nos fazem inferir que os comportamentos dos personagens já denunciam a sua formação ideológica de base, pois a sociedade projeta em seus indivíduos, em formação, o ideal de ser humano que pretende formar. Lajolo e Zilberman (1999, p.18), discutem sobre a função que a Literatura Infantil assumiu após a ascensão da burguesia na sociedade:

Por consequência adota posturas às vezes nitidamente pedagógicas, a fim de, se necessário, tornar patente sua utilidade. Pragmática igualmente por este aspecto inspira confiança à burguesia, não

apenas por endossar valores desta classe, mas, sobretudo por imitar seu comportamento.

Deste modo, as histórias infantis seriam instrumento de internalização dos conceitos adotados pela sociedade, porém, não se limitam às formas rígidas da realidade, pois se trata de uma ficção que supera o existente na construção de novos mundos. Ainda de acordo com Lajolo e Zilberman (1999, p.19),

Outras características completam a definição da literatura infantil, impondo sua fisionomia. A primeira delas dá conta do tipo de representação a que os livros procedem. Estes deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo. Em outras palavras, não se trata necessariamente de um espelhamento literal de uma dada realidade, pois, como a ficção para crianças pode dispor com maior liberdade da imaginação e dos recursos da narrativa fantástica, ela extravasa as fronteiras do realismo.

Sabe-se que os contos contemporâneos trazem sempre uma história com protagonistas bonzinhos e vilões maldosos que permanecem assim para sempre, ou seja, nos contos, quem é bom permanece assim até o final e, quem é mau, da mesma forma. A Branca de Neve, mesmo diante de tanta maldade, não perde a sua inocência e bondade; A Bela continua com um coração bondoso, ao passo que as bruxas ou rainhas destes contos tem um final trágico por permanecerem más, além de que, nestas histórias, o bem sempre vence.

Assim, os sentidos evocados nos contos são de uma vida em que tudo caminha para o bem e que a felicidade pode ser alcançada com a interferência de um ser maravilhoso, porém, ao ser adaptado em outras mídias, eles perdem muito de suas características.

Os dizeres que se atravessam historicamente do campo literário para o midiático provocam no sujeito leitor efeitos de sentido diferenciados bem mais próximos do real. Isto leva à inferência de que a mídia tem conseguido alcançar os objetivos e intencionalidades propostas, vez que oferece pistas discursivas, capazes de não só influenciar os sujeitos, como também causar efeitos que os prendem numa rede de sentidos. Como é possível perceber no seguinte fragmento: “Branca de Neve crescia e ficava cada vez mais bonita, encantadora e meiga. Todos gostavam muito dela...” (BRANCA DE NEVE, 2007).

Nesta representação, a ideologia dos contos literários que incutiam o fetiche ideológico da princesinha amável e dócil, admirada por todos, dá lugar a outro

sujeito não tão inocente quanto outrora. A princesa, agora, veste uma nova roupagem discursiva que passa a permear uma reconfiguração simbólico-ideológica contemporânea.

Desta forma, é comum pensar que as histórias infantis não estão isentas do caráter nocivo que a ideologia pode assumir. Não é absurdo imaginar que os discursos contidos nestas histórias também tragam de maneira implícita as características de um sistema que serve a distintos grupos da sociedade.

Para isso, atuam desde cedo em nossas mentes, valores dos mais diversos aparelhos ideológicos, tais como Família, Igreja, Escola, entre outros. Em todos eles, podem ser percebidas reproduções ideológicas de diversas naturezas e de variados tipos.

A Literatura Infanto-juvenil tem um caráter manipulador e construtor de identidades, querendo ou não, a Literatura ajuda e/ou influencia na forma de pensar e de agir dos sujeitos. E, além disso, torna-se um discurso aberto que deixa brechas, permitindo que os outros meios se apropriem dessas lacunas para veicular novos dizeres.

3.2. O discurso midiático

Tendo feito uma breve apresentação sobre o discurso literário, trata-se agora, das questões acerca do discurso midiático, observando como este age no inconsciente das pessoas, evidenciando, assim, efeitos de sentido.

Partindo do pressuposto de que os discursos presentes na sociedade têm a capacidade de interferir no processo de identificação dos sujeitos e que estes se originam de outros, nota-se a mídia como uma grande propagadora das ideologias vigentes que busca entreter seus sujeitos leitores e impregnar-lhes novos sentidos com grande capacidade manipuladora. Observem o que nos diz Oliveira:

A mídia carrega o efeito perverso de abrir caminho para a insensibilidade e a não participação humana, anestesiando o telespectador para a percepção real dos fatos apresentados. E ele vai-se tornando um especialista em enganar-se a si próprio. Recorre a mecanismos de defesa para se acomodar no seu ponto de vista. Racionaliza, tornando-se indiferente ao que acontece em torno dele (OLIVEIRA, 2009, p.3)

Dessa forma, o veículo midiático faz os seus receptores/expectadores acatarem seus discursos como únicos. O jogo da mídia torna-se tão magnético que, na maioria das vezes, os sujeitos se veem tão presos que passam a pensar tal como quer a mídia. Com isso, a mídia possui maior facilidade para instituir valores, ideias e modelos em seus sujeitos expectadores.

Quando a mídia ou qualquer outro meio se apropria de outros discursos, não há necessidade de manter o mesmo discurso, podendo, o que sempre acontece, modificá-lo.

Ao se apropriar do discurso dos contos de fadas para dar a eles uma nova roupagem no seriado, constata-se que ela desmitifica o teor fantasioso dos contos para impregnar uma história mais real, além de que o público do seriado também não é o mesmo dos contos, eles são adaptados numa versão adulta, por isso, essa necessidade de apresentar uma história mais de acordo com o que as pessoas vivem.

Os sentidos causados pelos contos são de uma vida em que tudo caminha para o bem e que a felicidade pode ser alcançada com a interferência de um ser maravilhoso, porém, o que se percebe no seriado, é que nada é perfeito, pois vivemos em um mundo rodeado de imperfeições, no qual as pessoas precisam ir à luta para mudar a situação, vivem presos nas imposições do mundo, como se pode perceber: “_Uma Rainha Má mandou personagens de contos de fada aqui?’ ‘_E agora eles não se lembram quem são” (ONCE UPON A TIME, 2011, epis.1).

O enunciado “Rainha Má”, em tais discursos, logo nos leva a remeter aos contos que apresentam, em seu enredo, a personagem rainha, ou bruxa malvada. Mesmo que sejam outros dizeres e em outro espaço, podemos, através da memória, perceber suas origens discursivas. Então, quando o discurso se atravessa historicamente de um campo para outro, percebe-se que muito se perde e muito se modifica, pouca coisa se mantém, e mesmo quando se é mantido, vem com uma nova roupagem, mas que se faz necessária a presença do já-dito para sustentar o dito. Orlandi (2010, p.32) afirma que

O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. (...). Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou em outras palavras, entre a constituição e sua formulação.

O seriado, porém, se opõe aos Contos de Fadas, pois, enquanto estes todos apresentam os finais felizes, aquele traz a visão de um mundo mais real, no qual as pessoas vivem presas, pois cada personagem dos contos de fada está presa entre dois mundos, o real e o fantasioso: “_Espere aí. Uma Rainha Má mandou os personagens de contos para cá?” “_Sim, e agora eles estão presos.” (ONCE UPON A TIME, 2011, epis.1).

Trazendo essa prisão dos personagens para a nossa realidade, pode-se analisar como se as pessoas vivessem indecisas entre a espera de um milagre e a força da luta por seus objetivos. Tal prisão evocada no seriado não se evidencia nos contos, os quais apresentam um mundo de magia e encantamento.

E as marcas dos contos, tal como em Branca de Neve (2007) “que partiu junto ao príncipe para um castelo distante onde se casaram e foram felizes para sempre.”, permanecem nos enunciados da série, em “Não importa o que você faça, a Branca de Neve terá o seu final feliz. Ela e o Príncipe Encantado ficarão juntos. A maldição acabará e o bem triunfará!”. É possível perceber pistas discursivas dos contos que de certo modo aparecem tão evidentes.

Quando dizem que a Branca de Neve e o Príncipe ficarão juntos, logo nos remetemos ao “felizes para sempre”, dos contos, sendo reforçado pelo discurso “...o bem triunfará!”. Consta-se, aqui, a ideia defendida por Pêcheux de que todo discurso parte de um já-dito que procura impregnar um novo sentido, mas, para que isso aconteça, é preciso que os sentidos do discurso já ditos se apaguem e, ao dar surgimento ao novo, são lançadas novas ideologias capazes de moldar os sujeitos leitores sempre atendendo aos interesses do meio que as veiculam.

Ainda de acordo com Pêcheux (2009, p.146),

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., as evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados.

Pêcheux (1997) afirma que a linguagem é materializada na ideologia e esta se manifesta na linguagem. O autor considera a linguagem como um sistema sujeito à ambiguidade, definindo a discursividade como a inserção dos efeitos materiais da

língua na história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem. A materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica deste é a língua.

De acordo com Orlandi (2010), o discurso é, assim, um observatório em relação à língua e à ideologia. É estabelecida, dessa forma, a noção de interdiscurso, que ele define como memória discursiva, um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer, como é o caso do objeto em estudo que um sustenta os dizeres do outro. Em *Once Upon a Time*, quando, por exemplo, a mídia resgata os dizeres dos contos, ela incrementa os discursos diante da sua disponibilidade de recursos e por isso se apresenta como um novo discurso.

Com relação à cultura midiática, Kellner (2001), diz que o papel da imagem, da moda, da música popular na construção da identidade é muitas vezes moldado por visões fictícias de uma sociedade cada vez mais dominada pela mídia e pela informação, que os indivíduos, por sua vez, podem acatar ou rejeitar estes discursos na formação de sua identidade, em oposição aos modelos dominantes.

A cultura da mídia, de acordo com Kellner (2001), cria formas de dominação ideológica, que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo em que contribui para a construção e o fortalecimento de identidades, para a resistência e a luta. Os exemplos midiáticos que propagam os valores vigentes vão desde filmes que reiteram ou contestam ideologias conservadoras, impondo ao sujeito aquilo que é de interesse da mídia, que na maioria das vezes segue as pistas deixadas pela literatura, ora reafirmando os sentidos e os valores colocados por essa, ora apagando, fazendo surgir sentidos novos que impregnarão outros valores nos sujeitos leitores.

Segundo Baracuhy (2010, p.174),

A mídia joga com múltiplos sentidos e múltiplas construções identitárias para manipular os gestos de interpretação dos seus leitores. Os enunciados midiáticos se inserem em redes de memória que estabelecem um permanente diálogo interdiscursivo, através de representações, símbolos e imagens constituintes do imaginário social, utilizadas ora para fixar, ora para desconstruir identidades.

Neste sentido, uma das tarefas da Análise de Discurso é analisar as construções ideológicas desses aparelhos discursivos e compreender como eles

fazem uso dos seus recursos e estratégias para atingirem o indivíduo enquanto cidadão social, apontando a ele novas visões de ver o mundo.

Com base nisso, nota-se que a maneira como a mídia atinge seu público depende muito dos seus recursos e das suas estratégias para convencer e estabelecer valores sobre seus telespectadores, valores esses que atendem exclusivamente a seus interesses particulares no intuito de fechar a visão das pessoas num único ponto, numa única verdade. E, embora o discurso midiático seja construído através de pistas deixadas pelo discurso literário, ele não o é fiel, pois cada um tem seu público específico e o que se pretende estabelecer a esse público pode apresentar sentidos vários.

No conto “Branca de Neve” (2007), por exemplo, Branca de Neve é descrita da seguinte forma: “Branca de Neve passava os dias lavando, passando e esfregando, mas não reclama. Era meiga, educada e amada por todos”. Eis que o seriado, “_Branca de Neve, você mudou. Tornou-se irada, irritada, pura e simplesmente má” (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 16)

É possível observar que o deslocamento provocado pela mudança de lugar, do literário para o midiático, carrega pistas polissêmicas que se traduzem em diferentes efeitos de sentido, pois é “justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico.” (ORLANDI, 2010, p.38). A Branca de Neve do seriado, perde, dessa forma, toda a delicadeza de uma princesa, descrita no conto. Assumindo uma discursividade de pessoa vingativa, capaz de enfrentar os soldados da rainha.

A inversão dos papéis referentes aos personagens do conto *Branca de Neve* permite a visão que se tem da mulher na sociedade atual e a desmoralização do machismo, vez que no seriado, Branca é uma mulher valente e em certas ocasiões heroína, pois luta por aquilo que almeja, enfrentando, assim, os mais ferozes soldados dos reinos. Diferentemente do que acontece no conto, onde o título de herói é atribuído somente ao príncipe.

O episódio que faz referência ao conto *A Bela e a Fera* apresenta-se de maneira diferente no seriado. Os discursos e o desenrolar das cenas nos permitem perceber que a Bela e a Fera (aqui representado por Rumpelstiltskin) não ficam juntos como no conto, pois o que acontece é que a rainha diz à Bela que “Toda maldição pode ser quebrada. Um beijo do amor verdadeiro faria isso” (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 12).

Este é um dos aspectos dos contos que permanecem com o mesmo sentido: o amor é a magia mais poderosa que existe e pode quebrar qualquer maldição), porém, quando a Bela tenta beijar a Fera, este recusa a se libertar, pois, para ele, ninguém seria capaz de amá-lo e uma vez cedendo ao amor, ele perderia seus poderes e se tornaria uma pessoa boa. Vejamos um dos fragmentos discursivos que pode ratificar os dizeres:

_E depois disso, nunca mais amou? Nem foi amado.
 _Por que você voltou?
 _Eu não ia voltar. Mas uma coisa mudou minha cabeça.
 (Beijo)
 _O que está acontecendo?
 _Beije-me novamente. Está funcionando.
 _O que foi?
 _Qualquer maldição pode ser quebrada.
 _Quem te disse isso? Quem sabe disso?
 (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 12).

Vê-se que, ao adaptar e deslocar os discursos dos contos, a mídia não só se apropria de uma ideologia de que as pessoas valorizam mais o que tem do que o sentimento verdadeiro, como busca, através do discurso, passá-la adiante, pela movência dos dizeres, das imagens. Nesta linha, também procura mostrar que o amor é a única maneira para que as pessoas vivam harmoniosamente, reafirmando, portanto, a mensagem do conto. A mídia, por sua vez, coloca ainda em evidência que os erros nem sempre são perdoados. O poder dominador é mais importante que o amor e as pessoas não abrem mão desse poder nem mesmo por aquilo que mais amam. Assim, “Os discursos aparecem como sendo legítimo, inflável e do qual não se pode discordar, porque a linguagem é vista como produto que permite a produção do mesmo sentido sob várias formas” (DANTAS, 2007, p.59)

Quanto ao episódio que apresenta traços discursivos do conto Chapeuzinho Vermelho, pode-se perceber uma versão totalmente diferente. O seriado traz uma visão mais real em que o conto se assemelha às lendas de lobisomem, onde o Lobo não persegue Chapeuzinho Vermelho na floresta nem se adianta para chegar primeiro à casa da vovozinha, ele aparece somente nos dias de suas fases (ou fases da lua) e devora os caçadores que tentam matá-lo.

Com o decorrer do episódio, vai sendo revelado que o Lobo Mal é, na verdade, uma transformação que está presente na geração da família da própria Chapeuzinho, sendo assim, toda a sua geração se transforma em lobos.

Observe,

_ (...) A mãe dela também era antes de os caçadores a matarem. Achava que a Chapeuzinho não pegaria, mas começou quando ela tinha 13 anos. Paguei a um mago pelo manto. Impede a transformação, mas ela não usa e descobriu como sair de casa.
 _ Por que não contou a ela?
 _ Não queria que carregasse o fardo. É um fardo horrível.
 _ E a história que me contou?
 _ Era o avô dela. Ele me marcou naquela noite, depois voltou, me achou e me transformou. (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 15).

O interessante no seriado é que em nenhum momento aparece a mãe da Chapeuzinho Vermelho, apenas menciona-se que foi morta pelos caçadores. Levando em consideração que o Lobo é uma mutação que acontece na família de Chapeuzinho Vermelho, confirmada pela avó que sabe que a menina também carrega essa sina, deduz-se um questionamento da mídia em cima do que nos é apresentado no conto: por que uma mãe mandaria uma criança indefesa, sozinha à casa da avó pela floresta? De acordo com o discurso midiático, o lobo que engana Chapeuzinho é a sua própria mãe que, no conto, a alerta para não conversar com estranhos.

A abordagem discursiva que envolve a Chapeuzinho Vermelho de agora, coloca-a em um contexto contemporâneo, pois a mídia busca direcioná-la a uma identidade pós-moderna, não cabendo, portanto, as mesmas características da Chapeuzinho de outrora. Trata-se de um jogo polissêmico que pode ser percebido em diferentes situações de discursividade no decorrer da história, por se caracterizar pela multiplicidade de sentidos em dizeres de um mesmo espaço ou espaços diferentes, pois embora, ainda permaneçam traços característicos da menina do conto, como sua vestimenta, muitos outros desaparecem, evidenciando uma Chapeuzinho que a mídia quer que os sujeitos leitores conheçam.

Essa nova versão de Chapeuzinho Vermelho, esses novos dizeres é que nos permite entender que

(...) o discurso é construído por alguém que fala, por um enunciado que se pretende legítimo, abafando outras vozes; alguém ou algo fala, relata uma situação e propõe uma solução. Esta enunciação que se faz como independente do objeto e de suas condições de existência, manifesta a exterioridade ou relato do objeto, segundo um modelo discursivo marcado pela seleção, inclusão ou exclusão de fatos conforme um modelo discursivo. As narrativas ou discursos

produzidos coletivamente constituem possibilidades de diferentes tipologias discursivas (MORAES, p.10, s/d)

João e Maria, assim como todos os outros contos, é apresentado numa versão mais próxima da realidade, de forma intencional. Segundo Baracuhy (2010, p.2),

(...) a AD rejeita a idéia de um sujeito estrategista, intencional, que tem a liberdade de falar o que quer; ao contrário, para o campo de saber em questão, o discurso do sujeito é pautado tanto pela ordem da língua como pela ordem sócio-histórico-ideológica. Seus dizeres são controlados, selecionados e organizados por vários procedimentos de controle social.

No seriado, portanto, os meninos são órfãos, pois a mãe morreu e o pai os abandonou, mas não na floresta. Por não terem pais, eles são flagrados roubando um supermercado (isso no que diz respeito aos fatos que acontece em Storybrooke, representando o mundo atual, uma vez que o seriado acontece em dois tempos), aspecto bem semelhante ao que vemos hoje em dia no caso de crianças órfãs. Com relação à versão do conto no seriado, os meninos são, sim, abandonados na floresta, mas não porque o pai quer ou necessita, mas, sim, porque a rainha o afasta das crianças para que elas possam realizar a tarefa de resgatar um objeto seu na casa da bruxa Malévola, casa essa que só crianças podem entrar por ser toda enfeitada com doces, como no seriado.

_Ela tem algo que é meu. E preciso que peguem para mim.
 _O que é?
 _Algo necessário para derrotar um inimigo perverso e poderoso. Está dentro de uma bolsa de couro preta dentro da casa dela.
 _Por que você não pega? Por que precisa de nós?
 _Porque a casa é protegida por magia. Não posso entrar. Felizmente, o feitiço não funciona com crianças. Esperem aqui até anoitecer. Depois que a bruxa dormir, podem se infiltrar.
 _Se fizermos isso, promete que encontrará nosso pai?
 Claro que sim. (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 9).

Observa-se, aqui, que a Mídia aponta claramente o que faz a Literatura. Pois o discurso sugere que, em se tratando de crianças, seres em formação, são facilmente dominadas e influenciadas pelos adultos, estando eles mal-intencionados ou não. São facilmente enganadas, pois a rainha convence a fazerem o que ela quer

apenas com uma chantagem emocional, prometendo-lhes que as ajudará a reencontrar o pai.

Quando se veem perdidos na floresta, para reencontrar os pais, em vez de migalhas de pão ou pedrinhas, as crianças têm consigo uma bússola dada pelo próprio pai, uma vez que aqui elas não foram enganadas por ele e sim afastadas dele por capricho da rainha. Aqui, a mídia também desconstrói o teor ficcional de as crianças conseguirem voltar para a casa com a esperteza de João ao jogar pedrinhas no caminho, e transfere o sentido dessas pedrinhas para a bússola, pois esta é um objeto utilizado de fato para que as pessoas saibam que direção tomar e assim, elas poderão encontrar com o pai. “A bússola do meu pai. Ele me deu para poder encontrá-lo” (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 9). Entende-se o discurso da Mídia, como modificador de sentidos, mesmo quando os dizeres permanecem.

Conforme Dantas (2007, p.60),

Estabelecendo a criatividade, a polissemia instaura o diferente linguístico, permitindo que o uso possa romper com a dominação de um único sentido e possa criar novas formas e outros sentidos, constituindo-se numa ruptura e num deslocamento em relação ao dizível.

Em Storybrooke (em tempos reais), Emma Swan (Xerife) é ordenada e chantageada pela prefeita a levar as crianças para Boston, porém, como ninguém consegue deixar a cidade, acontece um problema mecânico com o carro e quem aparece para ajudá-los é o próprio pai das crianças, assim, quando ele está se aproximando, a bússola volta a funcionar e apontar em sua direção e, dessa forma, eles se reencontram, diferente do conto no qual os meninos conseguem salvar a família da miséria com o tesouro escondido da bruxa. No seriado, eles continuam pobres na luta pela sobrevivência. A marca da realidade se faz bem presente na trama de *Once Upon a Time*.

Com a análise desses contos, pode-se constatar que em todos eles há a desconstrução da fantasia para dar lugar a uma versão mais real, em que novos valores e novos sentidos são lançados de maneira que os sujeitos fiquem presos a esses discursos, e, para isso, não precisamos reler os contos e atravessá-los para compará-los ao seriado, quando se percebem marcas de outros discursos, de imediato paramos aí para compreender os sentidos, mas, para isso, faz-

senecessário que tenhamos conhecimento dos contos, só assim é possível que a nossa memória resgate o já-dito e o interprete o que está sendo dito.

Com efeito, são os ditos e os não-ditos que constituem os processos discursivos, pois, segundo Orlandi (2010), os discursos são sedimentados numa espécie de memória institucional que retoma em forma de pré-construído, como se os sentidos já estivessem sempre ali e fossem resgatados no ato da interpretação ideológica que fornece a realidade do seu sentido.

No que diz respeito à interpretação, faz-se necessário procurar conhecer como os sentidos são trabalhados nos seus atos discursivos, é preciso reconhecer o que está fora do dizer textual que se silencia através do não dito, porém, sendo apontados através das discursividade ou interdiscursividades que cerceiam os dizeres.

O dispositivo da interpretação

(...) tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras (ORLANDI, 2010, p.59)

Embora haja uma ligação do seriado com os contos pela fala de um personagem, pelo toque de uma porta, enfim, algumas passagens dos contos permanecem no seriado, o que se faz de fato necessário, pois são essas passagens que garantem que se possa perceber a origem de um discurso já dito, uma vez que a nossa memória faz essa ligação, comparando discursos e, por conseguinte, aceitando os que vão surgindo. Como pode-se perceber no seguinte fragmento:

_ Toc! Toc!
 _ Quem é?
 _ Deixe-me entrar!
 _ Sou só uma pobre viúva, me poupe!
 _ Deixe-me entrar, senão eu soprar, soprar e derrubar...
 (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 15)

Percebe-se que ao apoderar-se de outros discursos, a mídia busca modificar e inculcar pensamentos em seus leitores, funcionando, desta forma, como “operadores de memória”, ou seja, seu discurso é resgatado de memórias antigas que, apagadas, dão lugar às novas.

O seriado todo joga com esta questão de desmitificar os contos, pois, além de aproximá-los da realidade, busca explicar os acontecimentos narrados nas histórias infantis. Isso é função da materialidade discursiva em questão, impondo que as coisas não surgem do nada, assim como as histórias, ou seja, para que os fatos existam, eles precisam de uma raiz, uma origem, uma historicidade. E isso nos faz pensar até mesmo no porquê desses contos existirem, na razão dessas histórias se fazerem presentes e serem aceitas.

No final da primeira temporada de *Once Upon a Time*, verifica-se a inexistência do final feliz, apesar de que as histórias não chegam ao fim nessa temporada, mas dão sequência nas próximas e, ao final desta, a felicidade dos personagens dos contos que parece estar perto, na verdade, não acontece, pois ao mesmo tempo em que Emma Swan - a filha da Branca de Neve - consegue quebrar a maldição com o beijo do amor verdadeiro que é dado por ela em seu filho que está quase sem vida depois de comer a torta de maçã preparada pela prefeita para que Emma comesse. O fragmento a seguir “_Eu amo você, Henry! (Emma Swan beija a testa de Henry que, em seguida, acorda).’ ‘_ Eu também amo você. Você me salvou.” (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 22) E assim, todos os personagens vão se lembrando de quem são e se reencontrado.

Enquanto isso, Rumpelstiltskin consegue, com a magia do amor, a mais poderosa de todas que ao ser lançada na fonte encantada é capaz de recuperar o que foi perdido, restituir a magia, bem como os poderes dele próprio e da rainha (Regina). Percebe-se:

- _ Estamos em uma terra sem magia e eu estou a trazendo. A magia está de volta.
- _ Por quê?
- _ Por que?... Porque magia é poder. (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 22)

Diante desses dizeres, infere-se que o seriado mantém algumas características e discursos dos contos, mas procura impor sempre novos dizeres e novas visões. O fato de a Mídia fazer parte de um mundo globalizado em que as pessoas precisam estar atualizadas, ela está procurando sempre impor um discurso

que atenda às necessidades da sociedade atual e veiculando os valores que essa sociedade preza como ideais.

De acordo com Silva e Santos (s/d, p.3)

A mídia é uma arma poderosa vertical e concentrada nas mãos daqueles que controlam o fluxo de informações, “os detentores do saber”; como agente formador de opiniões e criador-reprodutor de cultura, a mídia interfere, forma e transforma a realidade, as motivações, os modos de pensar e de agir do homem.

Os conteúdos midiáticos disponibilizados na sociedade contemporânea nos fazem ver o mundo não com os nossos olhos, mas com um olhar manipulado por outros interesses, fazendo-se notória a força midiática naquilo que é divulgado e no que é silenciado no indivíduo, passando este a seguir as normas sociais veiculadas, incapaz de tomar decisões que apontam para outro rumo, ou seja, decisões contrárias às representações sociais que são impostas pela Mídia, com o único intuito de fechar o mundo às manifestações midiáticas.

Muito se fala que os textos que a Mídia oferece exploram o imaginário do sujeito receptor levando-o a fazer parte de um processo unificado de pensamento, ação e interação, produzindo, assim, efeitos de sentido em tais sujeitos os quais deixam de produzir sentidos próprios e engrossam a lógica ideológica, pois a mídia possui o poder de persuasão e manipulação, num contexto histórico de sujeitos vazios e sem lugar definido como sujeitos universais de uma massa dirigida e dessa forma, busca reconstruir aquilo que é de interesse da própria mídia e o que ela julga necessário para a formação da identidade dos sujeitos.

Sabe-se que tanto a Literatura como a Mídia têm uma alta repercussão na sociedade, sendo esta última de maior alcance, pairando não só no universo infantil como atingindo também as pessoas de todas as idades, por isso, sua necessidade e facilidade de modificar o discurso literário. Necessidade em matéria de apagamento daquilo que já foi dito para impor o novo e facilidade por chegar com mais veemência a grande maioria dos sujeitos leitores.

3.3. As estratégias discursivas e os efeitos de sentido

Levando-se em conta que a Mídia tem a capacidade de construir, interferir e modificar a identidade dos sujeitos leitores, busca-se compreender as estratégias utilizadas por ela para conseguir tal resultado.

Foucault (*apud* DREYFUS, H. & RABINOW, 1995), vai dizer que as estratégias dos discursos estão referenciadas à linguagem discursiva, com um vínculo na relação de interação que envolve os sujeitos, os contextos nos quais estão inseridos e as condições de produções. São as lutas travadas entre sujeitos e condições de produção que possibilitam analisar as relações de poder através das medidas estrategistas.

Embora, esta pesquisa ser cunhada às teorias pecheuxianas, torna-se necessário abrir um viés para a teoria de foucaultiana e assim facilitar o entendimento no que venha ser as estratégias discursivas. Com base em Foucault (*apud* DREYFUS, H. & RABINOW, 1995, p. 248),

(...) podemos chamar "estratégia de poder" ao conjunto dos meios operados para fazer funcionar ou para manter um dispositivo de poder. Podemos também falar de estratégia própria às relações de poder na medida em que estas constituem modos de ação sobre a ação possível, eventual, suposta dos outros. Podemos então decifrar em termos de "estratégias" os mecanismos utilizados nas relações de poder. Porém, o ponto mais importante é evidentemente a relação entre relações de poder e estratégias de confronto. Pois, se é verdade que no centro das relações de poder e como condição permanente de sua existência, há uma "insubmissão" e liberdades essencialmente renitentes, não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica. Então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir. Elas constituem reciprocamente uma espécie de limite permanente, de ponto de inversão possível.

Segundo Pêcheux (*apud* HENRY, 2007), há um jogo entre sujeito e memória para que ele consiga caminhar pelas dessimetrias e dissimilaridades dos discursos, aceitando para si ou lutando para esquivar-se dos poderes discursivos, agindo-se por meios de suas estratégias.

Muito foi falado, neste estudo, que a cultura midiática veicula estereótipos, padrões sociais, e desconstrói tipos discursivos construídos pela Literatura ou por outros meios. Ela apaga da memória das pessoas discursos já ditos para inserir novos dizeres, só dessa forma é possível a construção e veiculação do novo, pois,

de acordo com Orlandi (*apud* DANTAS, 2007, p. 74), é preciso que um dizer se apague na memória do sujeito para que novos dizeres sejam impostos.

Ao trazer enunciados da Literatura para o seu discurso, a Mídia se utiliza de estratégias discursivas que correspondem aos meios/recursos utilizados para se firmar enquanto propagadora de discursos, no intuito de convencer o leitor de que tal discurso é único e verdadeiro, e, portanto, deve ser seguido.

A Mídia impõe seu discurso carregado de sentidos que estão para além do que se encontra explícito no texto e no ato da veiculação. Neste sentido, precisa-se compreender a necessidade de se considerar que as palavras ganham sentido a partir das posições em que são empregadas. De acordo com Pêcheux (1997), a formação discursiva compreende o lugar de construção dos sentidos, determinando o que **pode** e **deve** ser dito, a partir de uma posição, numa dada conjuntura. Portanto, é nas entrelinhas, nos interdiscursos, nos desvãos entre o dito e o não-dito, que se encontra a formação discursiva.

Tem-se a formação discursiva como sendo de grande relevância na decisão do que pode e deve ser dito. Ela determina o dizer. O sujeito fala a partir do seu lugar e de sua formação discursiva. Assim, o que é veiculado na mídia, também é determinado pelas formações discursivas presentes na sociedade que direciona os discursos. Deste modo, o que está diretamente ligado ao enunciado não é o sujeito em si, nem os meios, mas as posições e os lugares da formação social.

Segundo Bentes (2008, p.211), "(...) o caráter ideológico do discurso não pode ser apreendido pela análise isolada ou interna de uma de suas incidências. O que torna ideológico o discurso é sua articulação, ou seja, sua transversalidade não contraditória entre espaço, lugar e posição."

De acordo com Dantas (2007, p.52),

Todo e qualquer indivíduo falante de uma língua natural, desenvolve-se intelectualmente, num ambiente cultural e recebe deste, em seus aspectos sociais, históricos, políticos, religiosos, jurídicos, sua maneira de pensar, agir e atuar sobre o mundo. O problema é que esses universos culturais não são únicos e se desenvolvem heterogeneamente em sociedades e regiões. (...) Há mais dois fatores que complicam essa ideia de "falar" a língua: uma única pessoa pode dizer o discurso de vários lugares ou pode assumir discursos de lugares em conflito.

O discurso da Mídia, assim como os demais discursos, não surge do nada. Ele é cerceado de outros discursos e atravessado pelas determinações das FD's. Como aponta Orlandi (2010, p.39),

(...) não há discurso que não se relacione com outros. (...) os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. (...) Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”.

O discurso midiático tenta interferir na maneira como as pessoas se comportam, se vestem, dialogam, enfim, os seres humanos da sociedade contemporânea são cerceados por sentidos veiculados pelas mídias que através de seus recursos específicos, carregados de dizeres e imagens sedutoras impregnam nos sujeitos leitores uma única visão de realidade, ou melhor, apontam aos seus sujeitos leitores uma nova realidade, seguindo pistas do que já havia se manifestado no meio social.

Em *Once Upon a Time*, percebe-se que a vontade da série é mais ou menos misturar elementos e personagens das histórias infantis, procurando mostrar o que acontece depois dos “ finais felizes ” ou desconstruído essa ideia explícita em tal enunciado, pois a série mostra que os contos de fadas podem ser real e então não faz sentido continuar apresentando aos sujeitos leitores mundo ilusórios.

Falou-se, no decorrer desta pesquisa, em sentidos e mudanças de sentidos. Consoante a isso, propõe-se, discutir acerca dos efeitos de sentidos causados pelos discursos que chegam até nós, em especial, os discursos em questão.

Segundo Orlandi (2010), durante o ato da leitura somos conduzidos a atribuir significados em sentido amplo, ao mundo, e em sentido específico, ao texto lido. Pode-se dizer que a leitura não se caracteriza por ser um processo linear, na medida em que é possível realizar diferentes leituras e questionamentos sobre um mesmo texto. Essa elaboração ativa de significados é feita pelo leitor, e não por um agente externo que simplesmente realiza perguntas de compreensão sobre o objeto de leitura. O mesmo vale para todas as manifestações discursivas que chegam até aos sujeitos.

Assim, todas as manifestações - escritas ou narradas - estão permeadas de discursos que permitem a construção de personagens a partir de sua descrição adjetiva e/ou do conflito entre eles, do contexto onde eles se encontram inseridos no

enredo e, sobretudo, de sua posição e suas atitudes nesse conflito, atuando segundo a posição ideológica de cada sujeito ali representado.

Muito se procura saber sobre o significado dos dizeres, a mensagem que tal enunciação quer passar, como se perguntassem “o que se quer dizer com isso?”, “qual o significado disso?”, como outras formas de questionamentos que levam o indivíduo a buscar o entendimento dos discursos ou se fazer entendido (DANTAS, 2007).

São esses questionamentos, responsáveis pela construção dos efeitos de sentidos que a Literatura ou a Mídia buscam construir nos sujeitos. Ainda de acordo com Dantas (2007), o discurso é concebido como um efeito de sentido entre os locutores e que se manifestam por duas formas: o efeito metafórico e o efeito parafrástico. Pêcheux & Fuchs (*apud* DANTAS 2007, p. 47) considera que,

(...) a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica dessas sequências constitui o que se poderia chamar de matriz do sentido. Isto equivale a dizer que é a partir da relação no interior desta família que se constitui o efeito de sentido, assim como a relação a um referente que implique esse efeito. Se nos acompanham, compreenderão, então, que a evidência da leitura subjetiva segundo a qual um texto é biunivocamente associado a seu sentido (com ambiguidades sintáticas e/ou semânticas) é uma ilusão constitutiva do efeito-sujeito em relação a linguagem e que contribui, neste domínio específico para produzir o efeito de assujeitamento: na realidade, afirmamos que o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe essa sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva (o que explica, de passa que ela passa a ter vários sentidos).

Nestas condições, para que os discursos causem efeitos de sentidos, é necessário que haja uma interdiscursividade, que o discurso se atravesse de um lugar para outro e se (re)signifique no outro. Os sentidos, por sua vez, são criados e criam da eficácia do assujeitamento que se refere à ilusão que o sujeito que discursa tem autonomia e a estabilidade referencial, de onde provém a ilusão de transparência dos sentidos.

Quando em *Once Upon a Time* são utilizados enunciados oriundos dos contos, verifica-se que a mídia joga com o enunciado e a enunciação para transferir os sentidos. Apaga, ou pelo menos tenta apagar da memória dos sujeitos, os sentidos apresentados e defendidos nos contos para apresentar aos

leitores/expectadores a ideia de realidade. O ilusório, na série, deixa de ter marcas de fantasias e passa a ter marcas ideológicas de um mundo mais próximo do que ele realmente é, ou seja, um mundo parecido com o que vive os sujeitos.

4. CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE MIDIÁTICA

Tendo apresentado as especificidades dos discursos midiático e literário, buscou-se compreender como esses discursos podem interferir na construção identitária dos indivíduos, voltando mais especificamente para o discurso midiático que, como já foi ressaltado, devido à sua forma de propagação, consegue alcançar um público enorme, talvez mais que as manifestações literárias e que, por isso, tem maior capacidade de influenciar na formação de identidades das pessoas.

Se se olhar em qualquer dicionário de língua portuguesa, vê-se que eles apresentam a definição de identidade como um conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa que possa diferenciá-la de outra, tais como nome, idade, profissão, sexo, entre outros. Porém, a questão da identidade vai mais além, pois engloba a história, o jeito de ser de uma pessoa, os seus ideais, a influência cultural que fica impregnada nessa pessoa, o que carrega consigo e a imagem que ela passa para a sociedade.

Definir a identidade de uma pessoa nos dias atuais torna-se uma questão difícil, pois, como diz Bauman (2005), vivemos em uma modernidade líquida que passou de uma fase sólida para uma fase fluída e, como os fluídos que não mantêm a mesma forma por muito tempo, a identidade de uma pessoa também não permanece a mesma por muito tempo e, por isso, é tão difícil para uma ela definir sua própria identidade, assim como podermos definir a identidade. Nas palavras de Bauman (2005, p.16) “As pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’ (...)”.

O mesmo autor ainda nos diz que o ser humano não tem controle de sua identidade, pois, o fato de vivermos nessa modernidade líquida nos coloca em uma situação que não mais se pode saber quem somos com relação a nós mesmos ou com relação aos outros e, por isso, temos uma imensa dificuldade de construirmos nossa identidade e facilmente somos induzidos pelas manifestações que nos rodeiam.

É possível observar que a sociedade lança conceitos e modelos, os quais os sujeitos devem procurar seguir, assim sua identidade tende a ser igualitária de acordo com a cultura do seu tempo histórico, pois se não pensar igual ao que a sociedade institui, correrá o risco de ser excluído do meio social pelo simples fato de ser diferente.

Bauman(2005, p. 56-57) argumenta que é preciso ter coragem para assumir uma identidade diferente dos padrões sociais,

Para ousar e assumir riscos, ter a coragem exigida pelo ato de fazer escolhas, essa tripla confiança (em si mesmo, não nos outros, na sociedade) é necessária. É preciso acreditar que é adequado confiar em escolhas *feitas socialmente* que o futuro parece certo. (GRIFOS DO AUTOR).

Nessas condições, podemos dizer que a identidade de um sujeito é instável e que vai se constituindo através de discursos e costumes sociais, passando por transformações ao longo do tempo.

Desta forma, pode-se dizer que não mais possuímos uma identidade fixa, mas móvel, ou seja, a cada momento em que é consagrado algo novo nos padrões sociais, tendemos a nos adaptar a ele e assim apresentamos uma nova identidade. Com isso, pode-se dizer que a nossa identidade muda constantemente e assim somos levados a excluir a identidade que já possuíamos antes quando nos agregamos à outra. É o que aponta Bauman (2005, p.85):

As batalhas de identidade não podem realizar a sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que unir. Suas intenções incluídas se misturam com (ou melhor, são complementadas por) suas intenções de segregar, isentar e excluir.

Às identidades antes firmadas na sociedade, pode-se dizer, não existem mais. Segundo Hall (2006) essas velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno que antes era visto como um sujeito unificado.

De acordo com Hall (2006), a identidade do sujeito passa por três momentos diferentes: o sujeito do Iluminismo, baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, tendo como centro essencial do eu a identidade de uma pessoa; o sujeito sociológico que refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele que mediavam para o sujeito os valores e a cultura dos mundos que ele habitava. Estabiliza-se, aqui, tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis; e, o sujeito pós-

moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, ou seja, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

Com base nestas teorias de identidades de sujeito, tem-se a visão de que cada vez mais a cultura e os avanços modernos vão se utilizando de seus discursos para influir na construção identitária do sujeito moderno. Segundo Silva (2009), existe uma imensa crise de identidade na sociedade contemporânea, o que dificulta que os sujeitos definam sua identidade, ou seja, torna-se difícil para o sujeito definir aquilo que se é, pois, sua identidade entra em oposição com aquilo que o outro é: a diferença, sendo assim, identidade e diferença estão numa linha estreita de dependência e ambas são resultado de um processo de produção simbólica e discursiva.

Silva (2012, p.79) complementa ao dizer que “O reconhecimento do outro talvez seja, na atualidade, um dos maiores desafios para a construção da identidade (...)”. Por isso, a dificuldade do sujeito em definir-se enquanto sujeito sem atribuir sua pessoa à pessoa do outro e sem impregnar-se aos valores culturais veiculados por todos os aparelhos discursivos.

Desta maneira, todas as manifestações discursivas procuram, por meio da linguagem e de outros recursos, influenciar os sujeitos, levando-os a consumir uma realidade que não é proporcionada pelo mundo real. Nesse jogo do encontro do imaginário com o real, verifica-se a mídia - grande sedutora através de seu espetáculo de transmissões, das apresentações das imagens - funcionando como meio de distração que procura atender e satisfazer as necessidades do indivíduo. Pode-se dizer, assim, que a Mídia se manifesta de tal forma que substitui as instituições sociais, como a Igreja, a Família, a Escola, e outras que antes eram consideradas basilares no processo de formação identitária, pois, através da Mídia, somos informados dos acontecimentos do mundo, inclusive os que dizem respeito a tais instituições. Kellner (2001, p.27) diz que

(...) a cultura da mídia é a cultura dominante hoje em dia; substitui as formas de cultura elevada como foco da atenção e de impacto para

grande número de pessoas. Além disso, suas formas visuais e verbais estão suplantando as formas da cultura livresca, exigindo novos tipos de conhecimento para decodificá-las. Ademais, a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento.

Tudo o que a mídia tenta fazer é criar um cidadão incapaz de se rebelar e que aceita tudo o que lhe é imposto pelo discurso midiático, ou seja, a midiaticização procura fechar a visão do expectador àquilo que ela aponta, às suas ideologias, construindo identidades sociais e diferenciados efeitos de sentido. Nessa condição, a Análise do Discurso, atrelada ao olhar do analista, possibilita, através de suas ferramentas que se filtre e interprete os acontecimentos discursivos, tendo como objeto justamente essa produção de efeitos de sentido.

Assim sendo, a mídia é entendida como o conjunto das instituições, mais especificamente a mídia televisiva, que utiliza tecnologias e recursos específicos, para, a partir deles, tentar interferir na comunicação e nos comportamentos humanos, instituindo, assim, um padrão a ser seguido, aquele idealizado pela sociedade. Para Kellner (2001), a mídia proporciona materiais suficientes para criar as identidades das pessoas e, agindo assim, ela demonstra ter o poder sobre a sociedade. Segundo ele, “A cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, as crenças e às práticas vigentes” (KELLNER, 2001, p.11).

Compreendendo desta forma, são os valores culturais, os traços vigentes que fortalecem a noção de ser homem, branco europeizado e de classe média alta. Isso porque, visando construir a identidade dos sujeitos, muitos meios de comunicação de massa e até mesmo a própria sociedade procuram impregnar nas pessoas modelos vigorantes, característicos da classe hegemônica ou dos modelos europeus, pois estes possuem uma forte presença na nossa cultura, uma vez que fomos colonizados por eles.

Nesta acepção, os meios de comunicação, considerados por muitos pesquisadores como grandes influenciadores da opinião pública, se utilizam de seus atributos para influenciar a identidade dos sujeitos ou as identidades, uma vez que o indivíduo apresenta múltiplas identidades já que elas se transformam o tempo todo,

e, por meio de seus discursos, os meios impõem suas opiniões manipulando, controlando, procurando impor ao público uma única verdade absoluta.

Verifica-se que a mídia tem o poder de exercer controle nas diversas relações dos sujeitos, causando assim, reações diversas, ou seja, o sujeito pode aceitar ou se fechar à manipulação midiática. Com base em Foucault (2010), as relações de poder não se manifestam, não se desenvolvem dentro de uma lógica racional, mas o poder é uma luta que se trava entre dominantes e dominados através de enunciados que definem a posição do sujeito, ajudando-o a construir ou desconstruir sua identidade.

Segundo Kelnner (2001), o papel da imagem, da moda, da música popular na construção da identidade é, muitas vezes, moldado por visões fictícias de uma sociedade cada vez mais dominada pela mídia e pela informação, que os indivíduos, por sua vez, podem acatar ou rejeitar estes discursos na formação de sua identidade, em oposição aos modelos dominantes.

A cultura midiática, muitas vezes, é considerada como o Quarto Poder, pois, assim como os outros poderes, constitui-se como formadora de opinião e como grande manipuladora. O poder de manipulação da Mídia atua como uma espécie de controle social que resulta num aglomerado de pessoas sem opinião própria que, ao mesmo tempo em que se veem livres, estão presas aos direcionamentos da sociedade, lançados por ela ou pelos aparelhos ideológicos. Os veículos midiáticos colocam as pessoas no encontro do imaginário com o real e do real com o imaginário, estabelecendo padrões e conflitos no cotidiano das pessoas.

Assim, notam-se os discursos midiáticos como uma arma poderosa concentrada nas mãos de quem detém o poder, aquele que age como criador de culturas e verdades absolutas, formando e transformando a realidade e os modos de pensar e agir dos sujeitos, apresentando-lhes um mundo tão fictício, porém, com marcas da realidade que os leva a acreditar que mundo é tão igual ao que aparece na tela de uma TV, nas cenas de novela ou de um filme.

Em *Once Upon a Time*, puderam-se notar a presença de certos tipos discursivos que se pretende formar e criar nos sujeitos leitores, mesmo quando os discursos não são os mesmos dos contos. É que a Midiatização é utilizada como instrumento de manipulação que gera nas pessoas mudanças de comportamentos por substituir valores, modificando, influenciando e constituindo arquétipos nos sujeitos leitores.

Ao analisar o seriado, percebe-se essas mudanças de valores, mesmo que seja com um discurso que leva o leitor à reflexão sobre os aspectos sociais. Quando se ouve, por exemplo, o discurso proferido pelo bruxo quando diz: “toda magia tem seu preço” isso nos remete à análise de que os acontecimentos reais da vida têm um porquê e suas consequências. Tal discurso não aparece tão evidente nos contos.

Pois, “Vê-se assim, que o efeito do real sobre si mesmo, na medida em que ele produz aquilo que chamamos a ‘forma-sujeito’, fornece-impõe a ‘realidade’ ao sujeito sobre forma de da qual a ficção (...) represente a modalidade mais ‘pura’” (PÊCHEUX, 2009, p.158).

Diferentemente dos Contos de Fadas que chegam até nossas crianças de hoje, o seriado vem mostrando o porquê dos acontecimentos numa mistura de real e imaginário no desenrolar das histórias, como se apresentassem aos leitores o porquê de tal história ser assim e não de outro modo, como, por exemplo, a presença do espelho no conto *Branca de Neve*. No seriado, o instrumento é fruto do desejo do gênio da lâmpada que se apaixonou pela rainha e como não queria se separar dela foi transformado em um espelho. Claro que as histórias dos Contos de Fadas têm, sim, uma origem, um motivo para tal enredo como os contos dos Irmãos Grimm, origem essa que, na maioria das vezes, não é apresentada às crianças, levando-as a crer que os contos são como são.

Assim como os contos levam as crianças a acreditarem no mundo idealizado pelas suas histórias, o seriado também tenta convencer os leitores/espectadores a acreditarem no que está sendo apresentado, isso fica claro em um diálogo entre alguns personagens quando um deles questiona da veracidade dos contos:

_Estórias.Estórias? O que é uma história? Aprendeu sobre a guerra da Sucessão no colegial? (...) Como? Por acaso foi num livro? Como pode ser menos real do que outro livro?

_Livros de história são baseados na História.

_E os de estória são baseados no quê? Na imaginação? De onde vem isso? Tem de vir de algum lugar (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 17)

Percebe-se aí que, além de confirmar o que foi dito antes sobre a origem dos contos, o discurso apresentado induz o leitor a acreditar que as histórias dos

contos são reais tanto quanto os fatos históricos aprendidos na escola, pois, de certo modo, eles têm uma razão para serem escritos como são.

Nota-se a Mídia como influência dominante que não se preocupa com um público específico, mas procura atingir uma boa parte das pessoas, se não todas. Para exercer sua influência, ela percorre as diversas esferas das relações humanas atingindo desde as crianças até os mais velhos, porém, as crianças são, de certa forma, dominadas com mais veemência.

O seriado também leva o seu leitor a observar as teorias defendidas por Baumam (2005) e Hall (2006) acerca da dupla identidade ou das múltiplas identidades das pessoas. No final da temporada, apesar de Emma ter quebrado a maldição, o que devolveu as memórias originais dos personagens habitantes da cidade, eles não voltam para a Floresta Encantada. Como pode-se perceber no fragmento: “Henry, o que está acontecendo aqui? Se a maldição foi quebrada, por que eles não voltam?” (ONCE UPON A TIME, 2011, epis. 22).

Dessa forma, agora, todos têm de lidar com suas próprias identidades duplas. A identidade dos personagens dos contos e a identidade da vida “real” que eles levam e *Storybrooke*.

Isso evidencia que as pessoas vivem assim, envoltas numa dualidade entre a identidade pessoal e a identidade social. Segundo Baumam (2005), elas carregam em si uma carga de identificação, com a qual é preciso lidar, muitas vezes em conflito com a realidade e a ficção sem opção de escolhas, restando, apenas, assumirem as suas identificações. Nas palavras de Baumam (2005, p. 104-105)

Você pergunta sobre o papel dos meios de comunicação na produção das identidades atuais. Eu preferiria dizer que a mídia fornece a matéria bruta que seus leitores/espectadores usam para enfrentar a ambivalência de sua posição social. (...) Também diria que, apesar de tudo, teremos que nos confrontar vezes sem conta com a tarefa da “autoidentificação”, a qual tem pouca chance de ser concluída com sucesso e de modo plenamente satisfatório. É provável que fiquemos divididos entre o desejo de uma identidade de nosso gosto e a escolha de que, uma vez assumida essa identidade, possamos descobrir (...) não existe uma “ponte, se você tiver que bater em retirada.

Ademais, a cultura midiática faz com que os indivíduos percam sua identidade fixa e adquiram uma identidade móvel, pois eles são colocados em confronto com uma multiplicidade de identidades possíveis, desprezando, dessa

forma, aqueles princípios adquiridos na Família, Escola ou Igreja, já que estes princípios não são mais suficientes para se colocar na sociedade em questão, uma sociedade moderna que vive em constante mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estudos e análises do objeto, em que procurou compreender como a cultura midiática estabelece identidades diferenciadoras a partir de pistas discursivas apontadas pelo campo literário, entende-se que os atravessamentos se processam com base em uma intencionalidade, neste caso da mídia. Ela, por atingir com mais facilidade o universo das pessoas, consegue apagar da memória dos sujeitos aquilo que já foi dito e impor novos dizeres.

Dessa forma, os conteúdos midiáticos, assim como os demais meios que estão à nossa disposição, nos fazem ver o mundo não com os nossos olhos, mas com um olhar manipulado por outros interesses, fazendo-se notória a força midiática naquilo que é divulgado e no que é silenciado no indivíduo, passando este a seguir as normas sociais veiculadas, incapaz de tomar decisões que apontam para outro rumo, ou seja, decisões contrárias às representações sociais que são impostas pela mídia, com o único intuito de inculcar ideias de um mundo fechado às manifestações midiáticas.

Nestas condições, conclui-se que, ao adaptar uma história infantil a um seriado numa versão adulta, o discurso midiático procura acima de qualquer coisa desmitificar os sentidos e os tipos discursivos colocados pelos contos para impor uma nova realidade, que “orientem” os leitores/receptores acerca de uma nova visão que os leva a acatarem uma nova identidade em cima daquilo que é proposto pela sociedade midiática.

Portanto, o que se pode dizer é que não há dizeres que não se relacionem a outros dizeres, pois estes se atravessam historicamente, evidenciando que é nos desvãos dessa relação que os sentidos se significam e se realizam no assujeitamento dos sujeitos permeados de ideologias que se re-significam através da linguagem vinculada à interpretação. Interpretação essa que determina a reação ou reações do sujeito leitor diante das dissimetrias dos discursos.

Ao considerar a mídia enquanto aparelho ideológico dominador, passou-se a situá-la em um patamar cerceador capaz de deixar os sujeitos atônitos e apáticos a seu discurso, traçando, desta feita, um emaranhado de teias das quais poucos conseguem se livrar, pois, cada leitor/receptor reage de forma diferente aos dizeres que chegam até ele, porém de uma forma ou de outra, acaba atraindo para si os sentidos que interferirão na sua formação indentitária.

Cabe ressaltar que não está em questão o fato de que deva disponibilizar ao leitor apenas veiculações midiáticas ou literárias, tendo em vista que ambos são necessários para que o leitor/expectador se desenvolva criticamente, mas perceber como se processa os atravessamentos de um campo de saber para outro na intenção de causar diferentes efeitos de sentidos.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1997.

ÀRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARACUHY, Maria Regina. **Análise do Discurso e Mídia**: nas trilhas da identidade nordestina. 2010 11 p. – Artigo - UFPB. Paraíba, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-131.pdf>. Acesso em: 01/05/14

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENTES, Anna Cristina [et al.]. **(Re)discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil Teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1998.

DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do Discurso: algumas aproximações da análise do discurso**. Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

DRESCH, Márcia. **Ideologia**: um conceito fundante na/da Análise do Discurso – UFRGS/UNIJUÍ, 2003

ERNST-PEREIRA, Aracy. **(Re) Inventando contos de fadas. Um estudo sobre o fenômeno da exclusão**. 10 p. – Artigo – UCPEL. Disponível em: https://www.google.com.br/webhp?source=search_app&gfe_rd=cr&ei=YJJU_axAeiE8Qfk4IHgDg#q=O+discurso+da+exclus%C3%A3o+nos+contos+de+fadas. Acesso em: 17/06/14.

FOUCAULT, M. Poder e Saber. In: **Coleção Ditos e Escritos, IV**: Estratégia, Poder-Saber. Manuel Barros da Mota (org.). Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 7 ed., 3 imp., São Paulo: Ática, 2001.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, nov. 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/105/106>. Acesso em: 29/04/14

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: 2006.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro-RJ: Objetiva, 2002.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma História da Análise do Discurso na França. In: **Gestos de Leitura**. Eni P. Orlandi (org). Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MOCELLIM, Alan Delazeri. A questão da identidade em Giddens e Bauman. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v. 5, n. 1, ago/dez, 2008. Disponível em: http://www.reaprendentia.org.br/uploads/chat_arquivos/c704cf4b88767aec199ad6ddb506d042.pdf Acesso em: 01/04/14

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. Literatura e mídia: uma reflexão crítica. **Verbo de Minas: letras**. Juiz de Márcia-MG, v. 9, n. 17, p. 75-84, jan/jun. 2010. Disponível em: http://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/2010/08_MALOURDES.pdf Acesso em 08/04/14

HOROWITZ, Adam; KITSIS, Edward. **Once Upon a Time**. EUA: ABC, 2011. Telessérie (42 min p/episódio). Legendado Port. DVD

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Memória e interdiscurso. In: **Análise de Discurso**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2011.

_____. **Semântica e Discurso**: uma Crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: UNICAMP, 2009.

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas- SP: Pontes Editores, 2006.

_____. Análise Automática do Discurso. In: **Por uma análise automática do discurso; uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. Françoise Gadet; Tony Hak (Orgs.). Tradução: Bethania S. Mariani et. al. Campinas-SP: editora da UNICAMP, 1997.

_____. Análise Automática do Discurso. In: **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, pp.61-161, 1969.

SILVA, Ellen Fernanda Gomes da; SANTOS, Ms. Suely Emilia de Barros. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**. s.d, 7 p. – Artigo - Faculdade do Vale do Ipojuca – FAVIP. Pernambuco, s.d. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%Cancia%20da%20m%CDdia.pdf. Acesso em: 02/05/14

SILVA, Franciele Alves da. **Narrativas midiáticas, identidade e formação**: leituras inconvenientes e a conveniência da reflexão. 2012 146 p. – Dissertação – Programa de Pós-Graduação e Educação. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2012. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes.html> Acesso em: 25/03/14

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.